

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO



IGUAÇU, TERRA DE GENTE ILUSTRE

(INCLUSIVE A BIOGRAFIA DE JOAQUIM
ELÓI DOS SANTOS ANDRADE, PATRONO
DA CADEIRA N.º 2, DA AIL)



EDITORA
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRAFICAS
Rio de Janeiro — 1957

NOTÍCIAS DOS JORNAIS

Como decorreu a posse de Deoclécio Machado na Arcádia Iguaçuana.

O Sr. Deoclécio Machado Filho tomou posse, domingo passado, à noite, em solenidade realizada no auditório do Tribunal do Júri, na cadeira n.º 2 da Arcádia Iguaçuana de Letras, que tem como patrono o médico Joaquim Elói dos Santos Andrade.

A MESA

A mesa que presidiu à sessão estava composta pelo escritor Rodrigo Octávio Filho, da Academia Brasileira de Letras; poeta Altair Pimenta de Moraes, presidente da ALL; tabelião Murilo Costa; Antonio Pinheiro Victory, vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu; jornalista Silvino Silveira e pela professora Cordelia de Andrade, neta do patrono da cadeira n.º 2.

OS DISCURSOS

O discurso de recepção a Deoclécio Machado foi proferido pelo poeta Zilmar de Paula Barros, da ilustre confraria, que discorreu sobre a fraternidade da arte e da ciência, demonstrando, com numerosos exemplos, que o novo empossado continuava a tradição, brasileira e universal, dos homens de letras que também são homens de ciências.

Assomando à tribuna em seguida, o autor de "A Sombra dos Laranjais" fez a leitura de seu

*Dr. Pinheiro,
com a atenc. p. the
deve*

*Deoclécio
Em 2x. 7.17*

DEOCLECIO DIAS MACHADO FILHO

IGUAÇU, TERRA DE GENTE ILUSTRE

(INCLUSIVE A BIOGRAFIA DE JOAQUIM
ELÓI DOS SANTOS ANDRADE, PATRONO
DA CADEIRA N.º 2, DA AIL)



EDITORA
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
Rua Riachuelo, 128
Rio de Janeiro — 1957

NOTÍCIAS DOS JORNAIS

Como decorreu a posse de Deoclécio Machado na Arcádia Iguazuana.

O Sr. Deoclécio Machado Filho tomou posse, domingo passado, à noite, em solenidade realizada no auditório do Tribunal do Júri, na cadeira n.º 2 da Arcádia Iguazuana de Letras, que tem como patrono o médico Joaquim Elói dos Santos Andrade.

A MESA

A mesa que presidiu à sessão estava composta pelo escritor Rodrigo Octávio Filho, da Academia Brasileira de Letras; poeta Altair Pimenta de Moraes, presidente da ALL; tabelião Murilo Costa; Antonio Pinheiro Victory, vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu; jornalista Silvino Silveira e pela professora Cordelia de Andrade, neta do patrono da cadeira n.º 2.

OS DISCURSOS

O discurso de recepção a Deoclécio Machado foi proferido pelo poeta Zilmar de Paula Barros, da ilustre confraria, que discorreu sobre a fraternidade da arte e da ciência, demonstrando, com numerosos exemplos, que o novo empossado continuava a tradição, brasileira e universal, dos homens de letras que também são homens de ciências.

Assomando à tribuna em seguida, o autor de "A Sombra dos Laranjais" fez a leitura de seu

HOMENAGEM

- à minha filhinha Mônica, que espero venha a gostar das coisas de seu pai...
- à minha boa espôsa e amiga Nanci, a quem desejo sempre agradar...
- à minha mãe, irmãos, sogros e cunhados, para que sintam um pouco de mim...

NOTÍCIA

Como de
clécio

O Sr.
lhe tom
sado, a
lizada n
do Júri,
cádia Ig
tem com
quim El

A me
estava c
drigo O
Brasilei
Pimenta
ALL; ta
tonio P
sidente
Industri
nalista S
fessora
do patro

O dis
clécio N
lo poeta
da ilus
ren sôh
e da ci
numero
empossa
bra-ilei
de letr
mens d

Asson
da, o a
Laranja

HOMENAGEM AOS PATRONOS DA ARCÁDIA IGUA-
QUANA DE LETRAS, ENGRANDECEDORES DA TERRA EM
QUE NASCERAM:

Antônio Avelino de Andrade
Bernardino José de Sousa e Melo Junior
Conrado Jacob de Niemeyer Neto
Elói Dias Teixeira
Ernesto França Soares
Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho
Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio
Francisco José Soares Filho (Cel.)
Francisco Luiz Soares de Sousa e Melo
Francisco Pinto Duarte (Barão de Tinguá)
Francisco Rangel Pestana
João Manoel Pereira da Silva
João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho
Joaquim Elói dos Santos Andrade
Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias)
Manoel Felizardo de Sousa e Melo
Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho (Mar-
quês de Itanhaém)
Manoel Reis
Silvino Hipólito de Azeredo
Venâncio José de Oliveira Lisboa.

NOTICIA

Como de
clécio

O Sr.
lho tom
sado, a
lizada n
do Júri,
cãdia Ig
tem com
quim El

A me
estava c
drigo O
Brasilei
Pimenta
ALL; ta
tonio P
sidente
Industri
nalista S
fessora
do patro

O dis
clécio M
lo poeta
da illus
ren sôl
e da ci
numero
empossa
bra-ilei
de letre
mens d

Asson
da, o a
Laranja

HOMENAGEM AOS ÁRCADES, PELO AMOR À MAIS
ALTA INSTITUIÇÃO DE LETRAS DO MUNICÍPIO DE
IGUAÇU:

Alcindo Rafael
Altair Pimenta de Moraes
Cial Brito
Francisco Manoel Brandão
Getúlio Barbosa de Moura
Heitor Pinto da Silva
Ibicuí Tinoco de Magalhães
José Jambo da Costa
João Barbosa Ribeiro
Leopoldo Machado Barbosa
Luiz Martins de Azeredo
Newton Gonçalves de Barros
Raul de Figueiredo Meireles
Rui Afrânio Peixoto
Waldemiro de Faria Pereira
Zilmar de Paula Barros.

O Sr.
lhe tom
sado, a
lizada n
do Júri,
cádia Ig
tem com
quim El

A me
estava e
drigo O
Brasilei
Pimenta
ALL; ta
tonio P
sidente
Industri
nalista S
fessora
do patro

O dis
clécio M
lo poeta
da ilus
ren sôh
e da ci
numero
empossa
brasilei
de letr
mens d

Asson
da, o
Laranja

Um pórtico honroso

Em pequeno livro que acabo de publicar escrevi estas poucas palavras: a arte de agradecer é talvez das mais difíceis. Exige comedimento: para que o exagêro não supere a sinceridade. E a sinceridade, por sua vez, é um sentimento sutil, hoje um tanto desmerecido.

Desde quando recebi a encantadora visita de Deoclécio Machado Filho, que me fôra levar o convite do Presidente da Arcádia Iguaçuana de Letras, para esta reunião, ando a balbuciar palavras de agradecimento, sem encontrar uma só que possa traduzir o que sinto de alegria e saúde, de emoção e orgulho.

Alegria — por ser filho encanecido de Rodrigo Otávio, o jovem Juiz Municipal de Iguaçu, em 1889, há justamente 67 anos! Saúde — porque tendo feito de sua sombra o meu caminho, é ele quem eu aqui encontro, neste ambiente em que, com tanto carinho, o evocam. Emoção e orgulho — porque sinto como lhe foi singular a personalidade, uma vez que deixou de suas atividades, em todas as épocas da vida, tanto na primavera como no outono, uma lembrança imorredoura, uma imagem que, luminosamente, se refletiu no implacável espelho do tempo.

Não é fácil agradecer o gesto da Arcádia Iguaçuana de Letras, oferecendo-me a presidência da solenidade de posse de Deoclécio Machado Filho, cujo discurso a todos nos encantou, não só pelo estilo transparente, como pela evocação histórica que fez de sua terra natal; e, também, pelo retrato de corpo inteiro que nos apresentou do patrono de sua cadeira, o ilustre iguaçuano dr. Joaquim Elói dos Santos Andrade, ressaltando-lhe os traços característicos e as linhas mestras de uma obra digna de admiração.

Creio, no entanto, que a única maneira de agradecer-vos é falar-vos de meu pai, ou melhor, fazer com que ele mesmo fale do tempo em que foi Juiz Municipal de Iguaçu. Era êle, naquele tempo, muito jovem, bonito, louro, alegre, expansivo, mais poeta do que jurista...

Pelas páginas que escreveu, em seu livro "Coração Aberto", que como eu disse, ao substituí-lo na Academia Brasileira de Letras, é uma "cruz dependurada num rosário de saúdaes", bem como por algumas notas pessoais que deixou, posso testemunhar que era com freqüência que evocava o tempo, que viveu em Iguaçu.

Permitam-me que eu o deixe falar: — "Depois de alguns meses dessa vida pacífica de Santa Bárbara, saúdaes que as cartas freqüentes não faziam senão estimular, levaram-me, em gozo de licença, ao Rio de Janeiro. Contava tornar à minha comarca dentro de três meses; as cousas, porém, se arranjaram de modo que a minha ausência foi definitiva. Pouco tempo depois de minha chegada à antiga Côrte, fui mandado para Iguaçu como Juiz Municipal.

A poucas horas da Ponta do Caju, pela estradinha do Rio do Ouro, a Vila de Iguaçu era então um grande povoado morto. Constituída, principalmente, por uma larga rua, sinuosa e longa, a vila tivera a sua hora de prosperidade, atestada pelas grandes casas de sobrado e vastos armazéns alpendrados, tudo, então, fechado e sem moradores. Ligada com o interior da baía de Guanabara por canais através da alagadiça baixada fluminense, Iguaçu fôra, por muito tempo, o entreposto comercial entre o litoral e o sertão. Por aí chegava tôda a produção do interior para consumo da cidade e exportação, por aí entrava tudo quanto o interior exigia para viver e trabalhar. E a vila crescia na agitação febril de cargas que chegavam e de cargas que partiam, em tropas, na variada música dos cincerros, em carros de bois, na esfusiada langorosa dos eixos engraxados.

A estrada de ferro, porém, drenando todo êsse movimento comercial, reduziu Iguaçu à penúria e a levou à miséria e à morte. A vila se despovoou; os canais, desde então abandona-

dos por inúteis, se atulharam de vegetação e de lodo; as águas cresceram, cobriram todos os campos, tornando-os impréstaveis para qualquer cultura e enchendo o ar de miasmas do impaludismo e da opilação, que assolaram a pobre gente que não se pôde retirar.

Era êsse o Iguaçu que encontrei, ao tomar conta da minha judicatura. Só às quintas-feiras, dia de audiência, havia algum movimento na vila. A casa da Câmara se abria; além do pessoal do fôro, solicitantes e partes iam ao despacho do Juiz. E tudo depois caía no habitual silêncio.

Os magistrados desde muito que não moravam na vila; sendo muito próxima da Côrte e diminuto o serviço, era na Côrte que todos moravam, indo a Iguaçu nos dias de audiência e fora disso quando, excepcionalmente, alguma diligência o exigia. Eu, porém, muito compenetrado das minhas obrigações, quis viver, senão na vila mesma, o que não era aconselhável pela insalubridade do clima, ao menos dentro do território do seu termo; e fixei-me em Maxambomba, então simples arraial, estação da estrada de ferro, hoje capital do Município, sob o nome de Nova Iguaçu".

E' ainda do livro "Coração Aberto" esta outra pequena página intitulada "Ruínas", na qual surge, não o Juiz, mas o jovem poeta, sonhador e um tanto místico: — "De minha casa, era a cavalo que eu ia a Iguaçu, através de campinas incultas e capões empobrecidos que o fabrico do carvão devastava de mais em mais. Na parte dêsses capões em que a galhada era mais espessa, a meio caminho entre os dois povoados, existia a interessante ruína de uma velha igreja que, abandonada pelos fiéis, viu a mata crescer em volta, e, depois de abatido o teto, irromper mesmo de dentro de seu recinto consagrado.

Por aí passando a cavalo, muitas vezes apeei-me para examinar mais de perto aquêle incompreensível abandono. E da primeira vez que isso fiz, recebi uma estranha impressão ao ver, pela abertura de uma janela, de que haviam furtado as tábuas, erguer-se do velho púlpito escalavrado, uma planta parasita, agitando, a uma branda viração, como braços que gesticulavam,

Como d
clécio

O Sr.
lhe ton
sado, à
lizada r
do Júri.
cádia I
tem con
quim El

A me
estava e
drigo O
Brasilei
Pimenta
AIL; ta
tonio P
sidente
Industri
nalista S
fessôra
do patr

O dis
clécio
lo poet
da ilus
ren sôl
e da ci
numero
emposs
brasilei
de letr
mens o

Asson
da, o
Laranje

a basta folhagem, que coroava um escarlate pendão, cardinalício e solene”.

Mais tarde, lendo o interessante livro do erudito vassourense José Matoso Maia Forte, “Memória da Fundação de Iguaçu”, publicado em 1933, ao comemorar-se o primeiro centenário da Vila, encontrou Rodrigo Otávio referência àquele pequeno templo, cujas ruínas tanto o impressionavam. Fôra construído em 1657 e servia aos fiéis da Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga. A construção de outro templo, em local mais conveniente, levou-o ao completo abandono. Felizmente, informa o saído Matoso Maia, que o velho templo estava sendo restaurado pela piedosa iniciativa do sr. Germano Vieira dos Santos, morador do lugar.

O que muito impressionou, também, o jovem Juiz Municipal de Iguaçu foi o que ele, pitorescamente, chamou de “fauna forense” da Comarca.

Lembrava-se de uns oficiais de justiça ante-diluvianos. E do promotor público, o octogenário dr. João Frutuoso Rangel que, por velhice, não mais podia sair de um pequeno sítio onde morava. E beiravam pela mesma idade do promotor, três advogados provisionados, “resíduos da antiga prosperidade local”. Com o promotor público Rodrigo Otávio só se encontrou uma vez, quando ao chegar à Comarca foi fazer-lhe uma visita. Os advogados, porém, eram três criaturas curiosas. Um deles, o doutor Trant, Miguel Pereira Lopes Trant, que tinha fumaças de civilista, “era pequeno, seco, esquelético, passava o tempo a ler Melo Freire e Lobão, em permanente preparação para consultas e causas que não chegavam”. Os outros dois eram enormes, obesos. Um deles, Joaquim Coelho Marinho, muito branco de tez e de cabelos, mal se podia locomover. Mas gostava de dar os seus dois dedos de prosa com o jovem Juiz Municipal.

O terceiro, Odorico Fernandes da Luz, polido de maneiras e muito familiarizado com os clássicos, de que tinha boas edições, sabia de cor versos do jovem Juiz Municipal, e costumava e gostava de recitá-los, fazendo, com naturalidade, certas reservas lin-

güísticas sobre colocação de pronomes e francesismos desnecessários...”

Antes de ser Juiz Municipal em Iguaçu, Rodrigo Otávio exercera a promotoria pública no interior de Minas, na pequena cidade de Santa Bárbara. Era o início da estrada que ia percorrer, e que muito se parecia com a que ele mesmo descreveu, quando, em lombo de burro de marcha dura, seguia rumo de seu primeiro pôsto na vida pública: “A estrada — escreveu — é o símbolo da vida; é o caminho aberto para a frente na carreira das longas estiradas, na perplexidade das encruzilhadas, a surpresa das curvas sobre horizontes novos, que ora se desdobram em fundas perspectivas risonhas e animadoras, ora se fecham nas barreiras de rochas escarpadas, agressivas e duras...”

De Iguaçu, Rodrigo Otávio foi transferido para Paraíba do Sul, cujo fôro era movimentado e bulhento.

Sobre sua estada na velha cidade fluminense escreveu no “Coração Aberto” e em “Minhas Memórias dos Outros”, admiráveis páginas de recordações, vivas e fiéis, nas quais, naquele estilo de quem conversa com o leitor, fixou, ad eternum, paisagens, fatos, emoções, tristezas, alegrias, e criaturas humanas.

Bem conheceis como foi bela e trabalhosa a vida do jovem Juiz Municipal de Iguaçu. Aqui não estou para recordá-la. Minha missão e meu desejo é agradecer a honra que me conferiu a Arcádia Iguaçuana de Letras. E desejar-lhe, do alto desta cadeira, e no dia em que recebe um jovem iguaçuano, inteligente e culto como o meu amigo Deoclécio Machado Filho, uma vida de glória, para maior grandeza de Nova Iguaçu.

DISCURSO do Dr. Rodrigo Otávio (Filho), da Academia Brasileira de Letras, pronunciado na Reunião da Arcádia Iguaçuana de Letras, em 12 de maio de 1957.

Como
cléc

O S
lho to
sado, a
lizada
do Júr
cádia
tem co
quim l

A m
estava
drigo
Brasile
Pimen
ALL; t
tonio
sidente
Indust
nalista
fessora
do pat

O d
clécio
lo poe
da ilu
ren sô
e da
nume
empos
brasil
de let
mens

Assoc
da, o
Laran

Palavras de agradecimento

Tenho eu muito que agradecer ao atual Prefeito de Nova Iguaçu, sr. Ari Schiavo, pela valiosa colaboração prestada à Arcádia Iguaçuana de Letras. Aliás, desde sua fundação.

Na solenidade inaugural — com a presença ilustre do Magnífico Reitor, professor Pedro Calmon, também da Academia Brasileira de Letras, — ofereceu a bela ornamentação que todos vimos, a recobrir mesas e recantos de flores, numa noite memorável.

Agora, já na quarta solenidade, quando tomamos posse da cadeira n.º 2, de que é patrono Joaquim Elói dos Santos Andrade, o mesmo interesse e carinho revelados.

Tais pétalas agora, que foram muitas, desejo recaiam um pouco sobre ele, administrador atencioso que tem sido, incondicional amigo do povo iguaçuano.

Felizmente, nêle votámos. E não estamos arrependidos.

Porque à testa da administração municipal, como cidadão eleito, tem correspondido à confiança que todos lhe depositamos, tais as obras realizadas, em bem da comunidade. Assim, ele é que ofereceu ao Município de Nova Iguaçu maior número de escolas e grupos escolares, superando mesmo tôdas as demais administrações passadas em conjunto. E vem prestigiando os colégios particulares, inclusive com auxílios pecuniários, além do Ginásio Municipal Monteiro Lobato, que é tido como o educandário modelo da municipalidade. Tem emprestado todo o apoio ao ensino, uma vez que é parte integrante de seu plano de Governo, como já nos fez sentir, a ampliação dos meios necessários à alfabetização popular.

Nos mais diversos setores da administração pública, vem o sr. Ari Schiavo agindo, promovendo as reformas e renovações indispensáveis. Procurando, criar, enfim, melhores condições, assim nos transportes como no fornecimento de energia elétrica; assim na abertura de novas estradas como no calçamento das ruas principais. E também no abastecimento de água a todos os distritos — problema que exige atenção especial, porque a população do Município cresce vertiginosamente.

Tudo isso, sente-se, palpa-se, vê-se. Inclusive o aspecto limpo das ruas, de que nos orgulhamos, como iguaçuanos que somos. O que revela sua preocupação de tornar Nova Iguaçu uma cidade moderna, bem cuidada, capaz de agradar aos que chegam, pelo asseio, como a uma jovem bonita.

E não é só.

No seu plano de governo estabeleceu a criação de um sem número de iniciativas, inclusive a fundação de novas escolas, transformando outras em grupos escolares.

No currículo secundário estabeleceu inúmeras gratuidades. Além de Ginásio Municipal Monteiro Lobato que é o estabelecimento de ensino secundário modelo, mantido pela municipalidade, desenvolveu escolas de alfabetização de adultos e organização de classes de iniciação profissional, com trabalhos manuais, etc.

Ainda, colaborando com colégios e institutos de ensino particulares, através dos auxílios e subvenções pecuniários, promoveu, com a colaboração de um técnico especializado, a instalação de novas redes de iluminação pública, com o objetivo de desenvolver os vários logradouros que reclamavam esse importante acontecimento.

Quanto ao abastecimento de água da cidade, determinou, para melhorar-lhe as condições, a construção de usinas elevatórias, novos ramais de abastecimento e a limpeza geral na Represa Epaminondas Ramos, que possibilitaram não mais distribuir, como nos anos anteriores, água em caminhões.

No setor dos transportes teve um trabalho especial, pois, em dois anos e pouco de administração, realizou obras de grande

vulto, tais com estradas novas, preparação de outras vias de importante comunicação entre os municípios vizinhos, construção de pontes, calçamentos de ruas, além de perfeita conservação das demais.

Junto às empresas concessionárias obteve sensível melhora nos veículos transportadores de passageiros. Estabeleceu mais conforto e segurança para aqueles que se valem de tal meio de transporte. Ampliou, mesmo, várias linhas e atendeu novas concessões.

Construiu a Estação Rodoviária Getúlio Moura, que orgulha o nosso Município e a nossa mão de obra, e pode ser vista e admirada por quantos queiram visitá-la. A denominação escolhida teve por objetivo homenagear, com reconhecimento, aquele que bastante tem dado de si a Nova Iguaçu. — um homem superior, digno de nosso respeito, pelo grande esforço dispendido a benefício da terra. Trata-se, portanto, de um preito de gratidão ao dr. Getúlio Moura, pelo muito que há realizado, desde a sua mocidade, como homem público, sempre à frente de nossos destinos.

Desde cedo, às sete da manhã, que vemos o sr. Ari Schiavo percorrer as várias obras em execução, com o objetivo de estimular, com a sua presença, tanto funcionários como chefes de serviço.

E foi assim, em tal faina, que o encontramos. Iamos agradecer-lhe as flores que enviara para nossa festa de posse, na Arcádia, instituição que prestigia com tôdas as veras, por julgá-la útil à Nova Iguaçu e à mocidade.

Na mesma ocasião, esclareceu que a Prefeitura iria adquirir uma parte da publicação desta obra, a muitos respeitos elevada, digna do conhecimento de todos os munícipes, sobretudo dos escolares, cérebros em formação.

“Os iguaçuanos de valor — acentuou — merecem conhecidos. Principalmente os aqui nascidos, para exemplo dos jovens, cidadãos de amanhã”.

Daí, nosso agradecimento sincero.

Mais uma vez, diante de nós, revelou-se êle digno de nosso sufrágio, administrador inteligente e seguro, além de político de escol, possuidor de maneiras fidalgas e cativantes, perfeitamente integrado na vida de Iguaçu, terra de gente ilustre.

O AUTOR.

À guisa de proêmio

Quis o destino fôsse eu o que deveria, dentro dos moldes acadêmicos, dizer alguma coisa.

Tarefa duplamente difícil. Primeiro, porque sou o mais anti-acadêmico e anti-clássico dos árcades, e não me conformei ainda com os novos hábitos aos quais serei obrigado a submeter-me; um dêles: fazer panegíricos. Segundo, por ser amigo do autor: e, influenciado talvez pela amizade, me exaltasse, fugindo à verdade, alcandorando-o excessivamente, tornando-me enfastado aos que me lêem e a mim mesmo — o que é pior — que só gosto de dizer o que sinto.

Noblesse oblige, meus amigos. Aqui estou eu, que espírito ainda não sou, felizmente!

Deoclécio!

Deoclécio Dias Machado Filho!

Não é por certo um alexandrino como o de Bilac, mas seu nome é também um verso, um poema, talvez.

Poema pleno de ternura pela terra natal. Poema condoreiro, esbordante de são entusiasmo pelo que é nosso. Poema de persistência, vitalidade e heroísmo. Poema humano.

Quem o conhece melhor o dirá.

Há vinte ou trinta anos atrás — sem querer de sorte alguma envelhecer-nos, a mim e a êle, conheci-o de calças curtas, não de camisa aberta ao peito como se retrata num dos seus livros, mas imberbe, em minha casa, num bailarico de meninos que nesta época — já meio remota — era hábito por aqui. Ingênuo bailarico com vitrola, manual, dois quilos de goiabada feita em casa, queijo de Palmira e aquêles saborosos pães de tostão que

já não existem. As damas eram as meninas da vizinhança.

Por certo ele dançou; e, se namorou, não me recordo. O jardim era grande e havia banco sob as mangueiras e ao pé do repuxo d'água. Namoriscou, sem dúvida, em tal cenário.

Depois... Depois crescemos, é claro. Cada um no seu canto. Ele pelas bandas elegantes do bairro residencial que já se renunciava, eu pelos terreiros da velha casa de Maxambomba, no lado comercial.

Vez por outra nos encontrávamos. No clube, em casa de amigos comuns. Dois dedos de prosa, um cumprimento ligeiro e lá iam os, outra vez, cada qual para o seu lado.

Sabia tudo, ou quase tudo a seu respeito: que estudava, que fazia cenografia, por diletantismo, e versos. Versejava, como todo bom brasileiro que se preza... Eu também fazia versos, mas ele não sabia — ninguém sabia. Devia conhecer, todavia, pormenores a meu respeito. Conquanto enclausurado num internato no Rio de Janeiro, havia sempre quem lhe contasse os meus fracassos nas ciências matemáticas. Que era pequenina ainda a nossa cidade e o próprio vento se incumbia de espalhar as novidades, roubando às comadres e ao telégrafo tal prazer.

Telefone, nem sonhávamos possuí-lo em Iguaçu. Era coisa grã-fina, objeto da capital, esquisito, prêto, diríamos, até, — lembrando-nos de uma tela de Odilon Redon — um pouco surrealista para os nossos ouvidos e olhos provincianos.

Mais alguns anos passaram sobre nós. Estiolava-se a nossa primeira juventude. Veio a guerra e, com ela, o black out espiritual em que se afundou o universo. Casei-me. E, quando a gente casa, até parece que morre para o mundo, tantas são as novidades imponderáveis, os desequilíbrios de ordem sentimental e financeira... Perdi-o de vista. Iguaçu crescera. Tomava ares de grande cidade. Milhares de estranhos enchiam as nossas ruas e, em meio a tanta balbúrdia nova, os patriarcas e coronéis morriam uns após outros, intimidados com a nova ordem. Com eles morriam os laranjais. Nasciam loteamentos. Que a vida é assim mesmo, morrer, nascer, morrer... indefinidamente.

Uma noite, num jantar, falaram-me do seu primeiro livro. Não me espantei. Sabia-o poeta e cronista de longa data. "O Correio da Lavoura" dera-me notícia de seus pruridos literários. Tive curiosidade. Queria conhecê-lo. Belo título. Algo sentimental, quicá mesmo lírico — muito pouco do meu feitio — mas um livro de iguaçuano para iguaçuanos.

Li-o. Encontrei-me nêle. Lá estavam todos os meus conhecidos, os lugares por onde andara. Os casos que eu testemunhara muita vez.

Um vago sentimento de vitória encheu de júbilo meu coração. Coisa estranha. Já havia lido tantos livros. Nenhum, porém, deixara-me aquela impressão de coisa vivida. Bairris-mo? Com certeza. Dentro dêle estava Iguaçu, e dentro de mim também.

Não lhe comuniquei minha satisfação. Não lhe pedi autó-grafo, calei-me. Comodismo e a intuição de que viria o dia em que pudesse expressar-lhe, pessoalmente, o meu contentamento. Não me enganei.

Num domingo azul, de muito sol e muito entusiasmo entre as ramas de minhas árvores — como se de encomenda fôra ele feito — é lançada no "Correio da Lavoura" a semente da Arcá-dia. É lembrado um movimento cuja finalidade precipua consistia em congregar os intelectuais da terra para a exaltação de seus vultos ilustres, pesquisas históricas, folclóricas e socio-lógicas.

Meu nome lá estava no jornal dos Azereados, com tãxas as suas letras, inteirinho como na minha certidão de nascimento. Queriam-me? A mim?

E dai o torvelinho, o entrechocar de idéias, os encontros, as tertúlias animadas e tôda essa bela história que é o nascimento da Arcádia Iguaçuana de Letras, sobre a qual nosso Deoclécio escreverá um dia.

Foi quando melhor o conheci. Daquele menino de calças curtas a rodopiar na minha sala, a comer a minha goiabada e a namoriscar pelo jardim, pouco restava. Era o homem amadurecido, tresandando à ciência, preocupado com as letras e o

berço natal. Analisei-o detidamente, e o autor de "A sombra dos laranjais" ergueu-se diante de mim com uma personalidade de gigante.

Os gigantes, em geral, me intimidam e me aborrecem; mas naquele havia e há qualquer coisa de deliciosamente infantil e trêfego, uma faceta original, inconfundível: a disposição inata para o humorismo que contagia e extroverte o mais introvertido dos seus companheiros.

Gostei. Era pitoresco, sincero, riquíssimo de observação e conteúdo humano. Aliás, não sei por que não utilizou esse dom preciosíssimo em seus livros. Medo de não ser tomado a sério? Pode bem ser. Mas Dickens, Mrs. Gaskell, Marck Twain e Guareschi firmaram-se dentro do humorismo e da ironia. E esse saboroso "Clochemerle", o best-seller de 1953, na França, tornou Gabriel Chevallier mais conhecido em poucos meses que muito autor erudito.

Nem por isso é menos atraente o seu último livrinho de contos: "Sob o céu de minha terra". Trabalho de um só fôlego, de uma assentada, ressentido-se, vez por outra, de um amadurecimento técnico no gênero. Ainda assim é muito bom e muito nosso.

Fui culpado em parte — como muito bem explicou ele no prefácio — pelo surgimento desses contos. Por isso, cabe-me também um pedacinho dos louros de sua vitória.

Dizia-me ele certa noite que, dos gêneros literários, o que mais lhe agradava era o dos contos. Falou-me dos vários que já lera, de Coelho Neto, Machado de Assis, Artur Azevedo e muitos outros. Encorajado, mostrei-lhe alguns trabalhos meus. Coisa pouca, sem importância. Traços ligeiros, mal esboçados, mais sugestão que narrativa.

— E, se publicássemos alguns? — perguntou-me ele.

— Quem?

— Nós dois, é claro. Oito meus, oito seus...

Entusiasmei-me. Quem não é vaidoso? Já antegozava o prazer de vê-lo nas montras das livrarias. Fingi-me modesto. Era possível... Se burilasse mais... Eram um tanto exóticos

e meio modernos. Modernos? Sabe-se lá o que é moderno em literatura? Que eram atrevidotes e mal alinhavados, posso assegurar. Combinámos. Ele ainda ia fazer os seus; eu, trabalharia os meus.

Altas horas, quando me deitei, naquela noite, comecei a pensar. Perdi o sono. Para adormecer apanhei um livro de contos da Mansfield. Naturalmente, adormeceria depois de ler alguns. Dormir? Quem o disse? Li: dois, três, quatro, cinco, seis contos. Teria relido o livro todo, se o dia não entrasse imoportuno pela vidraça e, com ele, a orquestra dos pardais.

Tchekoff, Saki, Anibal Machado e João Alphonsus os devorei nos dias subsequentes.

Desisti. Tive medo.

Estribado noutras razões, desfiz o trato. Aceitou-as ele, que é delicado, mas deu-me a lição.

Não me arrependo. Se não desistisse estaria com ele, a receber, também, as homenagens e aplausos; e eu nasci para aplaudir.

Receba, pois, sozinho, os louros da verdadeira vitória que as minhas são acéfalas e desmembradas como a de Samotrácia.

Deoclécio, com você está a Arcádia com que sonhou; a Arcádia pela qual você lutou. Ela é sua, mais sua do que nossa.

Pelo seu magnífico livro os parabéns da Arcádia e os votos para que a continue honrando com sua preciosa pena.

ALTAIR PIMENTA DE MORAIS

NO

Com
c

O
lho
sado
liza
do
cãdi
tem
quin

A
estav
drig
Bras
Pim
AIL
toni
sider
Indu
nalis
fess
do p

O
eléc
lo p
da i
ren
e da
num
emp
bras
de l
mens

As
da,
Lara

Onze de agosto de 1955, onde começa
o autor... e a Arcádia

NO

Con
c

O
lhc
sade
liza
do
cadi
tem
quia

A
esta
drig
Bra
Pim
AIL
toni
side
Indi
nali
fess
do

O
clée
lo p
da
ren
e d
num
emp
bras
de
men

A
da
Lara

Fixada a data de 11 de agosto como sendo a de fundação de nossa querida Arcádia Iguaçuana de Letras, pelos imperativos históricos de nossa formação cultural, iniciada em 1827, com a criação dos cursos jurídicos de S. Paulo e Recife, — que mais resta a nós, que a sentimos e amamos, senão urgí-la e consagrá-la no transcurso de tão significativa efeméride?

Pois conhecida é a sua finalidade de congregar os amigos das letras e filosofia, artes e ciências, assim como aprimorar os valores das novas gerações e, por esta forma, assegurar a continuidade histórica de Nova Iguaçu, como célula atuante na civilização da Velha Província Fluminense.

Tal é o acorde mavioso que ressoa de um dos primeiros capítulos de nosso principal sodalício — oriundo dos sonhos que embalam os que contamos com o desenvolvimento e a preservação de nosso patrimônio.

Somos de uma terra cujo progresso ciclópico tem procurado elevar o que existe de mais tradicional, nobre e grandioso, e que constitui indubitavelmente a melhor reverenciação aos vultos de quantos nos legaram algo dêste torrão em que nosso espírito atua, evoluciona e se transmuda no perpassar do tempo.

E quem deles fala? Quem os cita, na enumeração dos feitos do que aqui se encontra com marco plantado a cavaleiro dos anos?

Afigura-se-nos que somente os mais perquiridores, numa tarefa pessoal e ingente. Mas sem que seus trabalhos cheguem a

ser divulgados nas escolas, através dos livros; na sociedade, através da imprensa, numa coordenação útil e precisa.

Pelo que já sentiram, tal é a tarefa a que se propõe a Arcádia Iguaçuana de Letras. Porque, nesta Iguaçu de tantos poetas, jornalistas, médicos, pintores, advogados, artistas, pensadores, políticos e professores, já viveram e perlustraram figuras cuja influência fez-se exercer até nos destinos de além-mar!

Portugal, mesmo, a que nos encontramos ligados por tantos laços de amizade e a que muito devemos pela sua língua, religião e costumes, tem uma dívida para com um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras: o ilustre D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, nascido aqui na Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, a 5 de abril de 1735.

Freire convencional da ordem de S. Bento de Aviz e doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra, mais tarde Conde de Arganil, destacou-se de maneira ímpar pela inteligência e pelo amor às letras. No campo dos estudos atingiu um grau tão elevado que recebeu a láurea dos mais altos e honrosos cargos confiados a um cidadão, chegando ao ponto de interferir nos destinos de Portugal, quando da invasão francesa, em 1808, com seu pedido junto a Napoleão Bonaparte!

Senhor de grande prestígio, exerceu sucessivamente os cargos de desembargador da Casa de Suplicação; foi deputado da Mesa Censória e do Tribunal de Inquisição; governador do Bispado de Coimbra; reitor da mesma Universidade e membro da junta de Providência literária, criada sob a inspeção do Cardeal Cunha e do Marquês de Pombal, tão nosso conhecido; bispo coadjutor e futuro sucessor do bispado; reformador e novamente reitor da Universidade de Coimbra em 1799, cargo em que permaneceu até 1821, quando se exonerou, a pedido seu, bem

como da cadeira episcopal, em virtude de doença e de causação. Carecia repousar em sítio próprio, localizado em Iguaçu. E quando se elege deputado pelo Rio de Janeiro.

Mas, depois volta. Em Portugal, além de muitas e importantes reformas que veio a introduzir na Universidade de Coimbra, realizou, ainda, a construção dos majestosos edifícios do museu de História Natural, do gabinete de Física, de Anatomia, do laboratório farmacêutico, do Observatório Astronômico, oficina tipográfica e comêço do Jardim Botânico.

Pertencia ao conselho de sua majestade, o rei de Portugal, e foi um dos membros da deputação nomeada pelo general Junot, representante de Napoleão, durante o domínio francês. O acolhimento que tivera, por parte do grande corso, deveu-se à fama de seu saber e às suas belas virtudes.

Porém, com uma vida de tanta labuta, de tão grandes compromissos, não poderia ir muito longe. E assim, depois de se impor à estima e à admiração de todos os portugueses, desapareceu para sempre o grande compatriota, de quem o professor de Teologia da Universidade a que tanto servira, o frei Antônio José da Rocha, disse: "A opulenta região que lhe deu o berço e com razão o Brasil se jacta menos de seu ouro e de seus diamantes do que de haver produzido varão tão singular".

O outro iguaçuano a que Portugal também muito deve, é o irmão dêsse imenso D. Francisco: João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, nascido na Fazenda de Marapicu, em 1722. Doutorado em Cânones também pela Universidade de Coimbra, um dos maiores centros de cultura da Europa, àquê tempo, foi quase tudo quanto desejou na vida.

Começou como almotacel — oficial que fiscalizava o preço dos gêneros no mercado — ao tempo de estudante. Mais tarde,

tornou-se professor da mesma Universidade, cujos Estatutos modificara, auxiliado pelo irmão, mais letrado.

Finalmente, depois de passar por uma série de cargos importantes, foi designado desembargador da relação na Bahia, em 1763, quando para aqui veio. Também tinha saudades de sua terra natal, a que, finalmente, voltou a servir.

E' uma empolgante história a destes homens aqui nascidos. Mui expressiva a sua grande relação.

Em outra escala, sem cronologia, destacamos, ainda: João Manoel Pereira da Silva, membro fundador da Academia Brasileira de Letras; Antônio Avelino de Andrade, escritor e teatrólogo; Conrado Niemeyer, autor do projeto da Avenida Niemeyer, no Leblon, e fundador do Clube de Engenharia; Bernardino Melo, antigo prefeito, introdutor de inúmeras benfeitorias, grande parte delas às suas expensas; de homem rico que era, morreu pobre por amor de Nova Iguaçu; Elói Dias Teixeira, grande jurisconsulto, autor de importantes obras; Frei Sampaio, tão grande em seus vôos de oratória quanto os maiores de seu tempo; Francisco Rangel Pestana, formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo, da linha de frente da grande e vibrante campanha abolicionista; Joaquim Elói dos Santos Andrade, professor da Faculdade de Medicina, do Rio, autor do "Tratado de Phtísica Pulmonar", editado em 1880, com prefácio de Torres Homem, e de "A Tuberculose é Curável", em 1906; Duque de Caxias, o Condestável do Império; Marquês de Itanhaém, preceptor de D. Pedro II, durante a sua menoridade, em substituição a José Bonifácio; e muitos outros que dão nome às vinte cadeiras de nossa confraria, e cujos elogios, em sessão solene, serão proferidos tão logo se instalem as acomodações, em lugar condigno.

Conforme já acentuámos, êsse é o empreendimento que a nobre Arcádia tomou a si.

E quem melhor do que ela em tal mistér?

Com a ordem que nela existe, suas maneiras, donaire, boas intenções, hábitos de pensar e de sentir, com seu programa, enfim, de servir, considerado útil, sobre inigualável, — adquire aspecto respeitável. Daí, por certo, seu prestígio, o comparecimento da fina flor às solenidades que realiza, ligadas aos assuntos de Nova Iguaçu.

Desaparecesse ela um dia, por qualquer motivo, e refloresceria mais adiante, pelo que já semeou, visto como se tornou, pelas imensas finalidades, órgão necessário, a muitos respeitos indispensável à sociedade.

Divagando um pouco, falemos como surgiu a idéia de sua criação:

Foi num domingo de maio, do ano passado, exatamente no dia 5, em artigo lançado no prestigioso órgão local "Correio da Lavoura", de tanta tradição. Fôra lembrado que Nova Iguaçu, em passado longínquo, possuíra varões ilustres, da melhor qualidade, entre os grandes e honrados brasileiros. Personalidades que já contracenaram na História Pátria, num elenco gigantesco, cujas vidas, por isso mesmo, mereciam estudadas pelos exemplos que nos legaram, como bons iguaçuanos!

Começámos, então, a nos movimentar, inclusive pelo telefone. Havia mistér a criação da Academia Iguaçuana de Letras, com patronos realmente excepcionais! Nova Iguaçu era demasiado grande, pelos seus filhos.

Dias depois, a 15, pelo mesmo jornal, o ilustre promotor e árcade Raul de Figueiredo Meireles houve por bem sugerir Ce-

náculo, em vez de Academia, — nome pomposo, originário da Grécia, onde se estendiam os fabulosos jardins freqüentados pelos filósofos do célebre local em que pontificava Platão; ao mesmo tempo que apresentava nomes para o Cenáculo. Primeiro, o do maior tribuno local, deputado Getúlio Moura. Por acaso, não foram, outrora, os oradores, os mais letrados dos homens de espírito? Um Rivarol, por exemplo, não merecia que este nome fôsse academizável?

Em continuação, lembrava o de Francisco Manoel Brandão, notório folclorista; o do jornalista Luiz de Azeredo, inteligente e capaz; do jovem professor Rui Afrânio Peixoto, possuidor de muitos conhecimentos gerais, além de advogado; do professor Leopoldo Machado, autor de um sem número de obras de grande conteúdo espiritualista. Os patronos — alvitava o articulista — seriam os grandes vultos nacionais retro citados.

Com tanta coisa latente, encontraram as palavras terreno fértil. A idéia lançada medrou tão depressa que, em pouco, até o deputado Getúlio Moura, através de expressiva carta, se manifestava com entusiasmo pela denominação de Arcádia. E dizia ao seu prezado amigo Deoclécio, no dia 31 de maio de 1955: "Concordo com o seu ponto de vista. Arcádia é a designação mais adequada ao movimento de estímulo às belas letras iguaçuanas, que ora empolga o espírito de tantos. Como sabe, em Roma, no ano de 1690, houve uma célebre academia com esse nome, cuja finalidade era a conservação das belas letras e o aperfeiçoamento da poesia italiana. Em Portugal, no reinado de D. José, floresceu outra instituição com igual nome, que contribuiu muito para introduzir o bom gosto na literatura portuguesa. Cenáculo, na sua origem histórica, é a sala de jantar dos romanos. Chama-se Cenáculo a Ceia do Senhor, consagrada na

tela de Leonardo da Vinci. Em sentido figurado, significa ajuntamento de homens que professam as mesmas idéias ou seitas, e, também, reunião de homens de letras, de artistas, etc. Pode servir de legenda ao movimento literário em perspectiva. Arcádia, entretanto, tem em seu favor a tradição. E' nome mais apropriado à organização que visa a despertar o interesse dos iguaçuanos pela literatura, pela história e pelas belas artes pátrias. Você e o nosso estimado amigo Raul de Figueiredo Meireles estão de parabens pela louvável iniciativa. Quanto ao patrono de minha cadeira, na Arcádia, sugiro o nome de Avelino de Andrade, escritor e teatrólogo". E, com a sincera estima do misivista, permaneceu a denominação atual.

Mas, não discutamos se a preferência foi boa ou má, senão para dizer que literariamente nos comprazíamos em fundar, aqui, um instituto com raízes na história e tradição locais.

Academia era, efetivamente, denominação faustosa para a nossa modéstia. Porque dela sempre provieram os mestres e discípulos consagradamente eminentes: uma sociedade a que se dirigiam sábios e letrados — ponderávamos. E não era o nosso caso; pois, dentro da concepção geral, o que desejávamos era apenas congregar estudiosos, sinceramente interessados na vivificação do honroso passado iguaçuano. Para o que deveríamos aliciar somente conterrâneos. A profissão não importava, desde que bem recomendados. Antevíamos que Apolo e as Musas não distinguiriam entre os que acorressem ao seu culto.

E assim foi. Tempos depois, superadas as primeiras dificuldades, obtínhamos a certidão em Cartório. Instalava-se a Arcádia. Não com as cadeiras de braços azuis, candelabros de cristal, discursos alongados e fardão acadêmico. Porém diferente-

mente, abrigando os amigos das letras e filosofia, artes e ciências; mas não cedendo igualmente a mão de suas filhas — as cadeiras vagas — sem o desejo manifesto de alguém, sem o pedido formal. Outrossim, sem abrir mão dos Estatutos, razão de ser de seus preceitos, de sua maneira de pensar e de agir, sem prerrogativas para as saias...

Entanto, se o seu nome diferia, assim, de Academia, em muitos respeitos a ela se assemelhava. Pelo seu início. Tudo igualmente se originando de uma publicação.

Ressaltemos, por necessário, que, no Rio, escrevia Lúcio de Mendonça, na "Revista Brasileira"; enquanto que, aqui, pela nossa imprensa, Raul de Figueiredo Meireles.

Do mesmo modo que a Academia Brasileira, entretanto, não teve a nossa Arcádia, em seus albores, pouso certo. Recordemos: a Academia Brasileira principiou no dia 20 de julho de 1897, numa sala do Pedagogium, à rua do Passeio. Aí é que promoveu sua sessão inaugural, presentes somente dezesseis acadêmicos.

Na sala da Revista Brasileira realizava sessões preparatórias e alguma ordinária. Na do Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, edifício do Externato, outras. Uma, na Biblioteca Fluminense, à rua do Ouvidor. No salão nobre do Ministério do Interior, a sessão solene para a recepção de João Ribeiro. No nobilíssimo salão do Gabinete Português de Leitura, várias reuniões solenes, como as de recepção de Domício da Gama, Oliveira Lima e Afonso Arinos. Como acabamos de verificar, durante muito tempo não dispôs de lugar firme, sendo o comum de suas sessões à rua da Quitanda, 47, escritório de Rodrigo Otávio, que a acolhia.

A Arcádia, em sua primeira fase, também perambulou meio desabitada. Começou num jornal, como vimos. Reünio-se, em seguida, no Sindicato do Comércio Varejista de Nova Iguaçu. Promoveu uma sessão solene, de instalação, no Salão do Júri, parte do majestoso edifício da rua Bernardino Melo. E agora, por falta de local apropriado, serve-se de outro recinto, sendo o árcade Altair Pimenta de Moraes o que a acolhe em seu escritório, como fazia Rodrigo Otávio.

Inegavelmente, entre ambas, existe uma similitude de destinos. Como tudo o que promete ser grande, sofre a Arcádia seus primeiros percalços. Obrigada a surgir no FORUM ITA-BAIANA, até hoje aguarda seu vice-presidente, redator de um pedido, o despacho dos tribunais.

Mas bem haja esta luta que a iguala à mais alta instituição de letras do país, também sem teto durante muito tempo. Data de 1904, quando Mário de Alencar, depois acadêmico, então secretário do ministro J. J. Seabra, se desdobrava do mesmo modo por conseguir local público e alojar, em próprio do governo, a insegura Academia. Com muito esforço, obteve a ala esquerda do prédio de esquina, chamado "Silogeu Brasileiro", situado entre a Lapa e o Passeio Público. Onde, finalmente, só pôde funcionar um ano depois, por falta de mobiliário. A diferença é que, lá, assinando o documento, havia Machado de Assis. Aqui, a fazer o mesmo, o incansável iguaçuano, o entusiasta e idealista Altair Pimenta de Moraes.

Em 1907, na outra, principiavam as sugestões, uma vez instalada. Era necessário um "Vocabulário" como o que João Ribeiro iniciara. Porém, Mário de Alencar insistia mais na Revista, tal como se projetou na Arcádia, "Letras Iguaçuanas".

com a colaboração preferencial dos árcades. E como custava! Como custa a nossa!

E nos comentários internos? Como se parecem as duas casas nos entrevêros para a qualificação de valores! Todavia, se na Arcádia muito se fala, principalmente sobre a inteligência e a atividade de alguns pares, na imortal Academia tais ocorrências nunca faltaram.

Aqui, reclamam as publicações de uns poucos. Anotam a ausência, em sessões, de outros. Se o árcade Manoel Brandão publicou "Terra Pauxi"; Zilmar de Paula Barros, "Painéis"; Newton de Barros, "Mansos como as pombas"; Leopoldo Machado, livros a mancheia, assim como muitos outros, — não é razoável permaneçam outros tantos divorciados do prelo!

Nada obstante, — ponderam prestos — Graça Aranha escreveu Canaã muito depois de aceito pela Academia!

E ameaçam atitudes como a de José Veríssimo que, após protestar, retirou-se do recinto acadêmico, por não haver elegido a Ramiz Galvão. Como a de Oliveira Lima, que ficou desgostoso, não por isso, mas por al: reclamou contra a entrada de Lauro Müller, em quem não via merecimentos literários; e acabou por aproveitar a ocasião da não investidura de Rui Barbosa à presidência, para insultar a Casa de Machado de Assis: ocasião em que Graça Aranha fez motim, acompanhado de um grupo de novos, sendo para a rua carregado em triunfo, enquanto Coelho Neto vociferava, dizendo em altas vozes que "cuspiam no prato em que comiam"...

Como a de Clovis Beviláqua que, cheio de saber jurídico e alta cultura, deixou de comparecer à Academia só porque não permitiram a inclusão de senhoras na confraria, como quiseram Laudelino Freire e Carlos de Laet. "Devia-se deixá-las entrar

— dizia Laet — porque já trazem consigo as cadeiras"... O que, para nós, ficou parecendo constituir a exaltação peculiaridade do meio das letras, onde a independência de espírito atinge o mais alto grau.

E os pedidos, a par das dissensões que acarretam?

Nada enfim, tem faltado tanto aqui como lá!

Até nosso grande Leopoldo Machado, durante algum tempo, não se conformou apenas com ser árcade. Foi mais além. Insistiu quanto pôde, assim por recado como por telefone, em favor de certo candidato, bem inspirado é verdade, mas sem livro publicado. Conhecia-o bem, garantira. Muitos ouviram...

Paulino Barbosa, de quem tanto se esperava, pelo fulgor de seu intellecto, desaparecera, antes mesmo da posse. Afirmaram haver discordado. Por que? A posteridade o dirá...

E quanta dissensão originária do Regimento Interno da Arcádia! Só não houve, ainda, nela, candidaturas como a de Santos Dumont, mais fraudulenta que uma eleição política. Ou como a de Laudelino Freire, quando pretendeu apurar um voto chegado depois de concluída a eleição. Talvez porque, ainda na fase inicial, se componha a Arcádia unicamente de seus fundadores, ficando o resto para depois...

Mas tudo foi passando, como os próprios laranjais, e a Academia Brasileira de Letras acabou por se consolidar graças, entre outras coisas, à riqueza legada pelo livreiro Francisco Alves.

Instalou-se honrosa e definitivamente, no Petit Trianon, construído para a Exposição Centenária de 1822.

Naturalmente, em tal particular, muito terá ainda a Arcádia que percorrer, passando, inclusive, por dificuldades e incom-

preensões, consoante já nos advertira o brilhante acadêmico e reitor, professor Pedro Calmon.

Todavia, não deverá tardar muito o dia em que o rosicler da aurora ou o clarão do meio-dia projetarão seu nome, como já aconteceu à outra, símbolo de glorificação.

Certamente, até êsse acontecimento, medeará algum tempo.

Cumprir-se-á, entretanto, tal destino, porque, seus escolhos, hoje bem menores, ligam-se quase que exclusivamente a determinações estatutárias, atinentes à vida e aos feitos dos patronos, além da publicação do Regimento Interno, orientador dos cerimoniais, já em preparativo.

Oportunamente, temos a certeza, todo êsse programa será realizado, pois grande é a boa vontade dos que dela participam e olham êste imenso torrão, ao qual a Arcádia há-de proporcionar os melhores e mais destacados benefícios. Mesmo porque outro não é o motivo de nos reunirmos neste 11 de agosto, — credor, já, do orgulho e da satisfação de todos nós, árcades, sempre honrados com a colaboração e a presença do que existe de melhor, mais fino e mais representativo neste Município e fora dele.

A CADEIRA N.º 2

PATRONO:

Joaquim Elói dos Santos Andrade

Lembrem-se de que esta é uma vida que começa em 18 de agosto de 1842, na famosa, opulenta e antiga Iguaçu, de que proveio a moderna e trepidante Nova Iguaçu.

E quem quer que ouça o panegírico dêsse homem essencialmente bom e culto, não poderá avaliar os percalços decorrentes da elaboração de tão inédito estudo biográfico, por ser a primeira vez que se lhe tentam erguer o vulto, a fim de apresentá-lo numa Arcádia.

Não fôra o acendrado amor a esta terra, sôbre a qual se infiltra, como chuva do céu, o espírito inolvidável de Silvino de Azeredo, talvez o presente trabalho não pudesse vir a lume. Porque foi justamente nos recortes e alfarrábios do velho jornalista que deparámos, guardados com zelo e carinho, os primeiros dados sôbre a figura do valoroso iguaçuano cuja fisionomia tanto nos faz lembrar a do venerável imperador D. Pedro II.

O fundador do máis antigo órgão de imprensa local, com o nobre objetivo de servir à sua terra, alinhou expressiva relação de filhos ilustres. E dentre êsses, com merecida justiça, incluiu a de Joaquim Elói dos Santos Andrade, o patrono da cadeira número dois da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Sem o saber preparava o decano de nossa imprensa local o precioso acervo com que daríamos início à presente biografia.

Nos recortes do "Jornal do Brasil" que acumulara, intitulado — Galeria Nacional — distinguíamos não apenas o retrato do dr. Elói de Andrade; senão ainda a data de seu nascimento,

feitos mais importantes, além do dia de sua formatura na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde, mais tarde, veio a ministrar preciosas aulas.

Ao dia seguinte, mais satisfeitos, rumávamos em direção àquêle diário para um encontro pessoal com o autor do resumo. Havia mistêr mais informes — que só pessoalmente obteríamos.

Mas, eis a surpresa: O sr. Brussatti, o paciente pesquisador e arquivista, havia morrido. Era um italiano culto — informaram-nos — cheio de amor ao Brasil. Juntava, quanto podia, tudo o que encontrava a respeito dos grandes vultos nacionais. Tornara-se um acumulador de tesouros espirituais, um garimpeiro da história pátria, sempre a separar o ouro da ganga. E sua espôsa, que o auxiliava em tal officio, também o acompanhara na longa e misteriosa viagem pelo infinito.

Que fazer? Era a pergunta que nos acudia.

E assim, dias depois, dirigimo-nos ao salão da Biblioteca Nacional e ao da Biblioteca da Faculdade de Medicina. Muita coisa haveríamos de colher.

Em verdade, porém, o que ali encontrámos, foi uma tese escrita empós a formatura de nosso patrono. E também a afirmação de um professor, dos mais antigos da Faculdade, segundo a qual Elói de Andrade fôra assistente de Torres Homem. Lêra algures, bem como certo trabalho em que o ex-catedrático de Clínica Médica recomendava excepcionalmente o auxiliar. Mas — assegurava-nos ainda o mestre — uma neta dêle, professora da Escola Nacional de Belas Artes, melhor poderia orientar-nos a respeito. Chamava-se Cordélia de Andrade, e se encontrava naquele momento em aprazível sítio de sua propriedade, situada numa ilha, em Itacurussá.

Sem demora, partíamos em direção ao segundo itinerário. Alugámos um barco. Dêsse modo, singrando as águas do belo remanso fluminense, chegávamos ao local, servido de magnífica praia, ensombrada por imponentes palmeiras, qual delas mais alta e majestosa.

Mas valeu a pena. Horas depois de fidalga acolhida, regressávamos com os porões de nossa alma transbordantes de provisão. Os santos do dr. Elói nos ajudaram.

Sentiamo-nos inteiramente compensados do esforço dispendido.

A princípio, convém confessarmos, como tôda a história em seus prolegômenos, não nutríamos grandes entusiasmos pela sua figura. Escolhêramos seu nome, apenas por ser médico. E, desarte, poder assimilar seus escritos, sem prejuizo para nossos conhecimentos. E sem perda de tempo.

De outra maneira, tomaríamos contacto com a medicina de alguns anos atrás. O mister da pesquisa tornar-se-ia porveitoso, sôbre agradável.

Como vemos, não foi com grandes arroubos que principiámos a acompanhar-lhe a atividade, a estudar-lhe os contôrnos.

Hoje, porém, sinceramente, já não sabemos o que mais nele admirar. Se a culturâ, a inteligência, a coragem, o amor acendrado à pátria, de que deu sobejas provas, ou se a simplicidade de homem culto, afável, generoso, preocupado até com a sorte dos escravos.

Porque sua personalidade representa um temperamento e um caráter postos a serviço do país que tanto amou; de um regime pelo qual lutou e emprestou o melhor de sua inteligência;

de seu povo a que tanto serviu; dos preconceitos contra os quais se bateu, como cidadão evoluído que foi.

Nem poderia ser de outra maneira.

Elói de Andrade durante a sua juventude assistira às coisas mais importantes d'êste século. E que nele haveriam de atuar, elevando-o espiritualmente.

Ouvii as vozes entenderem-se pelo telefone. Viu motores de explosão resolverem os primeiros casos de transporte, com elegância. Divisou as primeiras lâmpadas elétricas no belo efeito de clarearem a cidade do Rio de Janeiro onde estudava e retinha as primeiras idéias da época. Contemplou os Raios X no papel maravilhoso de tornar transparente o ser humano. Apreciou os discípulos de Morse enviarem mensagens à distância. Assistiu à criação da antissepsia através de Pasteur. Viu isolarem o bacilo da tuberculose, de que se tornou estudioso e minucioso conhecedor, mais tarde. Avistou o surgimento de submarinos e cruzadores, como se Júlio Verne estivesse a dirigir o século. Assimilou o desenvolvimento das idéias sociológicas que originaram um outro mundo, baseadas nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Em 1914, sentiu os efeitos da Grande Guerra, bem como as consequências desastrosas dos regimes de força, a exemplo do criado pelo Kaiser, que fôra derrotado, a respeito do qual escreveu inúmeros artigos, sobretudo para mostrar a excelência do regime republicano, a cujas idéias se filiara.

Acompanhou a rotação da democracia. Era bem jovem quando ela surgiu, ascendeu e atingiu o auge. Mostrava-se já ancião quando ainda o viram redigir contra os preconceitos de raça e de cor.

Nos Estados brasileiros por onde andou, também vislumbrou muita coisa. Testemunhou uma por uma, as transformações profundas por que passou o país. Conheceu o Rio de Janeiro iluminado a azeite, e o deixou, depois, delirantemente clareado pela luz elétrica.

A tudo isso êle assistiu, sem, no entanto, trair um só dos sentimentos que herdou. Foi acima de tudo honesto em suas atitudes, inclusive no mister de médico que abraçou por esplêndida vocação, revelada em inúmeras oportunidades.

Sem dúvida alguma, Joaquim Elói dos Santos Andrade constituiu um índice bem expressivo de sua época.

Aliás, dizem, no Brasil, quem abriu os olhos no reinado de D. Pedro II, teve a ventura de ser contemporâneo de uma grande fase. Pois foi, a muitos respeito, o período máximo da história nacional.

O domínio de D. Pedro I foi amargo. A Regência teve o cunho de tragédia.

O governo de D. Pedro II, porém, foi a tranquilidade, a preparação da ordem, o remanso, o equilíbrio, como lhe chamou Euclides da Cunha.

O primeiro reinado assinalou a luta da Independência que, de fato, só se concluiu com o 7 de abril. A Regência caracterizou o caldeamento da nacionalidade, sanguinolento como todos os caldeamentos de povos. O segundo reinado, em que nasceu Elói de Andrade, não particularizou apenas a organização da vida nacional, senão ainda sua floração radiosa.

Por conseguinte, estudar o perfil desse senhor de barbas hieráticas — próprias de rostos respeitáveis, tão simpático e decidido, sobre ser proveitoso, é particularmente agradável. Por-

que, ao contemplá-lo, sentimo-nos ligados a alguém que, pelos seus traços, se assemelhava ao nobre imperador brasileiro. Como êle, tanto quanto possível, procurou ser justo, decente, humano, patriota. E, como os que sabem ser grandes, apresentava as peculiaridades de invejável e raro caráter, firme e resoluto, característico dos que adquirem a ténpera através da luta cotidiana, ao contacto reiterado com os seres e com os livros.

E' a suave impressão que nos causa êsse iguaçuano extraordinário, cuja mocidade se desenvolveu na vigência do regime monárquico, quando muito se falava e escrevia sobre as peregrinas virtudes de sua majestade. Pelo que é fácil compreender-se também o porquê de seu porte cheio de nobreza e dignidade, a usar do mesmo modo as expressões francesas que constituíam o donaire da melhor sociedade.

Como o soberano, tornou-se o dr. Elói de Andrade exemplo de virtudes e amigo do lar; o que lhe caía muito bem, visto como a respeito do monarca, paradigma de muitos, havia uma só opinião universal: era o protótipo das virtudes sociais, dignas de emulação.

Em tal espelho de conduta é que se mirava também o clínico, segundo seus familiares. Não permitia se lhe despegassem o que, para êle, constituía o maior galardão. E por direito lhe pertencia.

Mostrava-se um cultor de virtudes, um prégador de costumes, sempre reconhecido aos menores favores, principalmente quando oriundos de amigos respeitáveis.

Do Barão de S. Marcelino constantemente dizia:

— Dispensa-me grande atenção. Sempre insiste em me oferecer o lado direito na rua. E não me permite a menor despesa...

O pobre, qualquer que fôsse, o comovia demasiado. Se se dirigia à sua casa, não se comprazia só em lhe proporcionar o óbolo. Indagava-lhe, da mesma forma, de outras coisas: se havia almoçado ou jantado. E, conforme a resposta, iria à cozinha providenciar o café ou o prato de comida.

Quem quer que lhe prestasse serviço, — mesmo os ex-escravos que alforriara, — recebia d'êlo o sincero e amável agradecimento.

Só não o aborrecessem. Porque sua paciência tinha limites. Como igualmente o tinham sua bondade e coração. O dr. Elói sabia mostrar-se fero e rubicundo ante qualquer abuso de força ou de atitudes, como sói acontecer máximamente aos indivíduos retos, de mente sã, corteses como êle.

Não o contrariassem como naquela viagem de trem, em companhia do filho, em que se sentiu constrangido, antes revoltado que constrangido.

Viajava o dr. Elói próximo de duas respeitáveis senhoras, quando um intolerante engenheiro da ferrovia, por se tratar de trecho em construção, deliberou que se levantassem e aguardassem o comboio seguinte. Constituía a maior das afrontas, a pior das indelicadezas a damas daquele porte.

Que fez o dr. Elói?

Indignado, depois de verificar o carro cheio, muitos cavalleiros acomodados, determinou que ali permanecessem, sem dar ouvidos ao absurdo. E interveio em favor delas, com discussão.

Sua energia, além da indignação, se fez logo sentir, inclusive naquela obstinação em fazer o trem ali permanecer, até o retratamento do engenheiro.

Não fôsem as maneiras do maquinista, ao convidar o dr. Elói para viajar na máquina, a seu lado, todos iriam pernoitar em lugar êrmo, imerso em trevas.

Transmudara-se-lhe a côr.

Felizmente, o dr. Elói aceitou o eferecimento, com a condição, porém, de que as respeitáveis senhoras continuassem em seus lugares.

E a questão foi sanada alfim.

Mais tarde, entretanto, não deixou de telegrafar ao presidente da Província, visconde de Ibituruna; ao diretor da Estrada de Ferro e ao ministro da Viação, expondo a ocorrência e expondo aquela atitude descabida do engenheiro, que acabou por ser removido.

Tal era seu feitio. Cheio de dignidade. De retidão. De espirito de justiça.

Porém, inflexível e duro quando contrariado.

Contudo, muito humano sob qualquer aspecto que o analisemos. Talvez por influência do meio culto em que convivera durante mais de um lustro: na Faculdade de Medicina, onde fermentava a nova ordem que trazia em seu bôjo os sentimentos igualitários de fraternidade, oriundos da França, onde atuava a imensa coorte de filósofos cujas teorias assimilava. E que mais tarde viriam a emprestar-lhe a sólida formação de abolicionista e republicano, amigo e protetor dos escravos, conforme provou de maneira segura e eloqüente nas inúmeras produções que deixou.

Sua vida, por conseguinte, não se revela apenas como a de um homem culto, afável e justo.

Antes, para ser compreendida, exige recuemos à velha Iguaçu, onde nascera, e acêrca da qual escreveu o seguinte:

“Desde o comêço do século passado que se distinguiram na Província do Rio de Janeiro a Baixada da Zona da Serra. Zona da Serra era a grande extensão até Jacarêpaguá.

A Baixada era quase tôda povoada. Os rios que desaguiavam na Baía de Guanabara eram navegáveis. As ordens religiosas de S. Bento e do Carmo possuíam grandes fazendas e muitos escravos.

Em Iguaçu, no lugar denominado Pilar, existia em 1852, uma fazenda da Ordem Beneditina, que mandou abrir um grande canal, comunicando o centro da fazenda com o rio Iguaçu. A Estrada de Ferro ainda não transpusera a Serra do Mar.

Iguaçu suplantara a Estrêla, a navegação se fazia em grandes canoas, tôdas a vara até o Ponto de Amarração. Daí, eram as lanchas que conduziam centenas de sacos de café para a Prainha, em frente ao Beco das Canoas.

O que concorria — continua o dr. Elói — para a futura grandeza da Província era a abundância de escravos — a máquina de trabalho. Até 1851 eram os “comboios” puramente compostos de africanos. Embora houvesse um tribunal funcionando em Serra Leoa, para julgar as prêsas inglêsas, isto é, os navios negreiros, mandando ali mesmo enforcar os capitães-bandeiras, e declarados livres os africanos, o contrabando continuava.

Vi, em minha infância, em 1849, passarem pelas ruas de Iguaçu, grandes comboios que se dirigiam para as lavouras de Serra Acima. Vestidos no verão, de algodão. No inverno, usa-

vam bacta encarnada, com carapuça verde, como os galés de outrora.

Os negreiros eram muito bem recebidos pelos fazendeiros. Vendiam a prazo de um ano. Quando saíam da Côte já sabiam a quem podiam vender fiado".

Iguaçu era a cidade mais próspera do Recôncavo. Estava situada a cerca de 10 milhas da foz do rio de igual nome e que ia até à Serra dos Órgãos. Apesar de muito sinuoso, era navegável por lanchas até à Vila. A pesca constituía uma de suas grandes riquezas. E a sua proximidade com o oceano, onde desaguava, oferecia-lhe condições de excepcional fortuna. Os robalos, tainhas e outros peixes do mar invadiam-lhe o leito, em certa época do ano, e ali desovavam, fazendo com que a reprodução das espécies lhe aumentasse o valor piscoso.

A caça era também importantíssima. Nas imensas florestas que margeavam todo o Iguaçu e se estendiam até às cercanias de Tinguá, Xerém, S. Pedro, Mantiqueira e Rio Douro — era considerável e variada, composta sobretudo de animais rasteiros e aves. Havia grande quantidade de pacas, capivaras, inhambus, ouriços, tatus, além de variedade imensa de pássaros canoros, entre rôlas e juritis.

Em começos do século passado, o lugar parecia insignificante e não contava com mais de trinta casas.

Aos poucos, porém, os fazendeiros do interior foram se convencendo de que para eles era mais vantajoso descarregar em Iguaçu o café, o feijão, a farinha de mandioca, o toucinho e o algodão e, daí, mais econômico enviar os gêneros para o mercado, por via marítima que por terra. Por outro lado, os negociantes estabeleceram em Iguaçu os depósitos de sal, de produtos manufaturados, fazenda e vinhos, para mais facilmente ser-

virem aos lavradores. Assim é que o lugar foi se desenvolvendo rapidamente, até ser considerado como a vila mais próspera do Rio de Janeiro, com uma população estimada em 1 200 habitantes.

Tornou-se um dos principais portos da Baía de Guanabara, mais importante que Magé ou Piedade. Com grande dispêndio de dinheiro, construíram até uma estrada macadamizada que ia ter à Província de Minas Gerais, com que mantinha limites — a Estrada União e Indústria.

A Vila de Iguaçu era constituída principalmente de ruas largas e calçadas com pedra de cantaria. Em período de esplendor possuía casas grandes, largas e sobradadas, além de armazéns alpendrados. Revelava-se de bonito aspecto e lembrava as cidades adiantadas, porém naquele estilo do tempo, com as telhas em canal.

O comércio florescente, com grande movimento, exhibia a sua botica — de Joaquim Coutinho da Silva Imbu, farmacêutico muito conhecido, com boa fama e milagrosas curas; a alfaiataria possuía os últimos figurinos da época, oriundos da França; a escola primária, de exigente tabuada e gramática, impunha-se à confiança dos pais; o famoso armazem dos Melos, de grandes empórios, fazia-se notado; destacavam-se ainda: os engenhos de aguardente, olarias, matadouros de caprinos, de bovinos, de porcos, e lanigeros.

Distinguia-se, outrossim, a Casa da Câmara, belo edifício onde o juiz municipal dr. Rodrigo Otávio, mais tarde fundador da Academia Brasileira de Letras, veio a despachar e dar audiências. Segundo o testemunho do próprio Juiz, "Iguaçu chegara a ser o entreposto comercial mais importante entre o litoral e o sertão. Por aí se escoava tôda a produção do interior

para o consumo da cidade e exportação. Por aí entrava tudo quanto o interior exigia para viver e trabalhar. E a Vila crescia na agitação febril de cargas que chegavam e partiam, em tropas, na variada música dos cincerros — campainhas ao pescoço de animais — e na esfusiada langorosa dos eixos engraxados”.

Em Iguaçu só não havia ginásios para os que, como o dr. Elói, quisessem prosseguir nos estudos, ir além do curso primário. Os que, como êle, pretendessem fazer carreira, seguir curso superior, diplomar-se, teriam de procurar a Côte que, por sinal, não ficava mui distante. Daí, talvez, pela proximidade, o ter Iguaçu produzido tanta gente ilustre, — alguns reverenciados pelo nosso sodalício e pela Academia Brasileira de Letras.

Como tôda cidade próspera, possuía, da mesma forma, seus médicos e advogados famosos, como por exemplo, os doutores João Antônio de Sousa Gomes e Luís Alves de Sousa Lobo, esculápios prestantes e renomados, principalmente depois da luta encetada contra as epidemias. O fóro, com regular movimento, fornecia o nome de Castilho como o maior advogado da antiga Vila, conhecido da foz às nascentes do rio que ia ter à cidade. Para caracterizá-la, ainda mais, não faltava nem o delegado, figura vitalícia, indispensável, a mais interessante de quantas por lá passaram.

Residia na rua principal de Iguaçu, numa casa bastante retirada da via pública. Chamava-se Joaquim Carlos Augusto, e mantinha em sua companhia todos os membros da numerosa família. Seu apelido era Joaquim Armador, oriundo da circunstância de andar pelas igrejas a armar essas, bem como do expe-

diente de fazer caixões de defunto e promover missas, abraçando a um só tempo os afazeres litúrgicos e funerários.

Em dias de festa apresentava trajo característico: um bandrau comprido, vestimenta de capuz e mangas largas; chapéu de côco e bengala, além de cavanhaque a que não gostava se referissem. Era respeitadíssimo. Não fazia profissão do cargo policial que exercia porque, naquele tempo, não havia o pró-laboie. Não faltavam, igualmente, ali, os alcagüetes — os indefectíveis auxiliares, orgulhosos do prestígio do chefe.

Contudo, Joaquim Armador revelava-se solícito e excessivamente honesto no cumprimento do dever. Seu zêlo chegava ao ponto de promover diligências durante dias seguidos e êle mesmo a custeá-las.

Era figura acatadíssima, de porte bastante austero, possuidor de reconhecida facilidade para resolver os casos mais intrincados, principalmente a descoberta de roubos. A maneira hábil de interrogar, sobretudo, é que o tornara a grande autoridade que foi.

A Vila de Iguaçu, durante todo o tempo em que lá militou, logrou dormir tranquila. Seu nome — Joaquim Armador — apagava quaisquer explosões, assim no meio mais pobre como no mais alto e selecionado. Tornou-se um escravo da Lei, um cidadão que, ao decidir, não mantinha preferências. Por isso que, depois do Juiz, era a pessoa mais respeitada do lugar, graças à sua fibra de homem, entre decidido e enérgico, todavia capaz de servir até aos mortos, quer lhes preparando o velório, quer ainda lhes recomendando a alma. Era um armador digno de longo roteiro de saudade, pela dedicação à Vila a que servia com redobrada energia e reconhecido desprendimento.

Mesmo nos dois séculos precedentes, Iguaçu fôra uma zona privilegiada. Seus rios, dando fácil saída à produção que se destinava ao mercado do Rio de Janeiro; e suas estradas que se dirigiam à metrópole, asseguravam à lavoura o mesmo lugar que desfrutavam no seio da colônia os municípios da baixada, na orla da baía e além dela. Basta dizer que entre os anos de 1769 e 1779, no governo do marquês do Lavradio, no tomo 76, parte 1.^a da Revista do Instituto Histórico, encontra-se a prova insofismável de como era notável a expansão agrícola na zona iguaçuana.

Tal esplendor, entanto, não poderia durar muitos anos. Afinal, não possuía a Vila nenhuma estrada que lhe assegurasse a continuidade de seu comércio cada vez mais florescente. Até que a 30 de abril de 1854, o barão de Mauá — Irineu Evangelista de Sousa — abria caminho para a primeira estrada de ferro do Brasil, tendo inaugurado os primeiros catorze quilômetros e meio que separavam o pôrto de Mauá da fazenda do Frágoso nas imediações da raiz da Serra da Estrêla. Seu usado projeto era levar a estrada de ferro até às margens do rio das Velhas, no Estado de Minas Gerais.

E estranho como pareça, a lamentável decadência de Iguaçu, data do advento dessa ferrovia. Esse fator de progresso, no caso da antiga Vila, contrariou a regra. Porque, a partir de tal época, as mercadorias da Serra Acima do vale do Plabanha, até então mandadas para os portos de Iguaçu, começaram a ser desviadas para a via férrea. A pouco e pouco foi declinando o comércio em vista das comodidades do tráfego ferroviário. Com o abandono da via fluvial e crescimento da mata, os rios foram se obstruindo, até se tornarem inúteis os esforços para mantê-los. As terras férteis, invadidas periódica-

mente pelas águas, começaram a ser abandonadas pela população.

Por volta de 1855, — conta Matoso Maia Forte — como se não bastassem os desequilíbrios ocasionados pela intercorrência de tantos acidentes, o comércio já enfraquecido, juntou-se ainda uma epidemia de cólera-morbus, iniciada na capital do país e que até lá se propagou, deixando a população entre doente e amedrontada. Em 15 dias, ceifou 48 vidas, apesar dos esforços de tanta gente, inclusive a mobilização de todos os médicos do lugar.

A navegação interrompeu-se por muitos dias. E acumularam-se em seus trapiches mais de 30 000 arrobas de café.

Mas não foi só. A tão graves acontecimentos, juntaram-se ainda outros, como se os clarins da eternidade houvessem demarcado seu fim: Com o trabalho agrícola orientado no sentido de aproveitar madeira para lenha e carvão, cada vez mais se obstruíam os rios e se prejudicava o terreno. Com a devastação das matas nas montanhas do contôrno iguaçuano, de par com as constantes chuvas na região serrana sôbre a qual se condensavam e se precipitavam os vapores d'água, começou a descida de terras de aluvião. A pequena declividade do solo foi produzindo a formação de cômoros nos rios e seqüente elevação do leito. Por outro lado, a navegação, diminuindo sempre, proporcionava a formação de fundo arenoso ou lodoso que obstruía a foz do Iguaçu.

As grandes chuvas de verão, portanto, tinham de operar o extravasamento das águas fluviais. Do que começou a resultar a formação de extensos pantanos que cobriram e alagaram léguas e léguas de terras.

Assim, a região iguaçuana outrora tão rica, celeiro da Capital da República, berço de homens ilustres, principiou a ser

entregue ao mais cruel abandono. Aos poucos foi se tornando insalubre e inhabitável, a ponto de a agricultura desaparecer completamente; de o comércio permanecer sem transações e os engenhos paralisarem-se. E' quando Iguaçu principia a mergulhar em profundo sono.

Em 1860, conforme narra o próprio dr. Elói, — "era a Baixada, naqueles pontos, vasto paul. Em a vizinha de 2 a 4 léguas, começou a grassar o impaludismo e a ancilostomiasse".

"Quem estendesse o olhar de uma colina qualquer, veria enormes campos que pareciam entregues à exploração da agricultura: mas, descendo, abeirando-se da planície, divisaria sob aquêl tapête verdejante a água esverdinhada dos pantanos. Sob aquella aparência enganosa de vida, escondiam-se a insalubridade e a morte, à espreita de quem lhe ousasse retomar o domínio que haviam conquistado ao esforço do iguaçuano".

Em 1891, fina-se a vila de Iguaçu. A vida se tornara impossível na sua sede, mantida sem nenhum proveito para a parte restante do Município. O ato do governador Portela, de 1 de maio de 1891, transferindo a sede do município para o povoado de Maxambomba, foi a mortalha que envolveu a velha Iguaçu que, hoje em ruínas, dorme o seu sono de morte, reclinada sobre as velhas águas paradas e cheias de vegetação, do rio que lhe dera os dias de maior prosperidade. A vila de Iguaçu era em verdade êsse rio paisagístico que irrigava a vegetação abundante, emprestando-lhe vida. Como um Danúbio Azul, em terras bem nossas, encerra a história de nossos antepassados, que buscavam naquelas águas o recanto poético para a navegação alegre e romântica.

"Filho de Iguaçu — esclarece ainda o dr. Elói de Andrade — conhecemos aquêles terrenos ainda não inundados de 1856.

Aí está o futuro do Estado, o celeiro da Capital da República". vaticinava nosso patrono num jornal de Juiz de Fora no dia 8 de junho de 1916.

"Que esplêndidos, que magníficos pomares não se farão ali! As laranjas da Bahia, que constituem hoje uma das grandes riquezas da Califórnia, talvez a maior, não têm o delicioso sabor das laranjas de Iguaçu! São grandes, quase não têm sementes, muitas têm um só, mas não se podem comparar nem às tangerinas de minha terra!"

Muito é para louvar tão acertada predição! Porque foi um homem que viu a sua cidade natal crescer e desaparecer. Viu escravos sofrerem. Assistiu ao ressurgimento de nova ordem de idéias. Muita coisa conheceu.

Claro está que o dr. Elói não poderia permanecer em Iguaçu até o seu total desaparecimento, para lá retornar, depois de formado, a fim de exercer a clínica e observar o sofrimento daqueles que usavam a baeta encarnada e catapuça verde. Teria, quando jovem, de deixar a cidade para prosseguir nos estudos e concluir o curso ginasial, que lá não havia. Moço pobre, atingido por má administração financeira, devido à gratuidade conseguida, matricula-se no Mosteiro São Bento.

Caracteriza o período em que começa a distinguir-se, ganhando sobreexclência a todos, como aluno estudioso, em quem os mestres encontravam qualidades bastante promissoras. E que, por isso mesmo, merecia a atenção dos parentes, o cuidado e o carinho de seus preceptores.

Caçula de família numerosa, não contava ainda doze anos, quando se tornou órfão de pai, — o comendador Manoel dos Santos Andrade, capitão da Marinha Nacional, casado com d. Jesuina Gertrudes de Andrade.

Seu irmão — o mais velho — ficara com o encargo da família.

Mal aplicador de bens, com pouco tirocinio, empobrecera a todos, deixando seu irmão, o adolescente Joaquim Elói sem os necessários recursos para as despesas escolares. Pelo que teve de requerer a gratuidade do Mosteiro, até transferir-se para o Colégio Vitória, onde veio a concluir o currículo secundário, por não desejar a carreira sacerdotal.

Sempre labutando, já agora a dar aulas particulares, para manter-se, consegue ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, naquele tempo instalada no casarão ao lado da Santa Casa de Misericórdia, na rua de Santa Luzia.

É quando começa a receber o auxílio de seu cunhado, Manoel Martins França, admirador de seus méritos, e a quem, mais tarde, em sua primeira tese, em 31 de agosto de 1868, num frontispício honroso, viria a prestar o testemunho de reconhecida homenagem.

Estamos por volta de 27 de novembro do mesmo ano.

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro constituia, pelas inteligências em floração, um dos principais centros do movimento que, mais tarde, viria a originar-se na Proclamação da República, a que o dr. Elói não andara indiferente.

A ação do estudante na política resultou da influência progressivamente maior até 1889, das casas de ensino sobre o meio acanhado e impressionável. Caracterizava pequenos núcleos

de fecundo trabalho literário. Verdadeiros grêmios de força criadora. Tôda a inteligência e o ímpeto jovial é que plasmaram a forma de governo. A Faculdade pra de estudos médicos, mas as injunções da época obrigavam os estudantes a agir.

Oficialmente, não há negar, o movimento começou no Parlamento. Mas foi no âmbito escolar que êle cresceu, avolumou-se, criando a torrente vigorosa que foi levando tudo de roldão. No verso irreverente e nas verdades colocadas na boca do calouro é que principiou, verdadeiramente, a grande cruzada abolicionista e republicana ao mesmo tempo.

Essa chuva fertilizante de idéias, em pouco, caía no campo civil, espalhando-se profunda e rapidamente pelas praças, lares e até na roça, aonde chegavam também as novidades.

Em pouco, repercutiam pelo país adentro.

Nas salas de aula e anfiteatros da Faculdade os discursos estudantis sacudiam tôdas as mentes. E aí, justamente aí, nêsse ambiente juvenil, rico de entusiasmo, é que surgiram os elementos com que divulgaram a lei abolicionista de 1888. Ocasão em que começam a surgir escravocratas por tôda a parte.

Os estudantes pensam em 1866, quando já o dr. Elói era quartanista.

Animam-se em 1870, no início de sua vida profissional, e agem em 1880, quando êle se junta aos demais colegas, provavelmente a Lopes Trovão e Paula Ney, da linha de frente.

Nas faculdades de medicina de outros Estados, por influência da do Rio, os acadêmicos fazem o mesmo. Levantam os estandartes, a fim de provocarem a polícia chamada conservadora...

É quando surge a tempestade verbal da abolição. Professores e discípulos misturam-se na mesma festa de eloquência e

vibração cívica. Principia a apoteose do idealismo a que Joaquim Elói se achava indissolúvelmente ligado e que o levaria a escrever, quanto podia, até quase o fim da vida.

Mas, quais eram seus colegas? A que categoria de homens pertenciam?

Sobre um deles, de quem guardamos respeitosa missiva, queremos particularmente falar. Pela influência de um sobre outro. Deixemos os dois:

Meu caro Elói:

Recebi com grande prazer as tuas duas missivas de 15 e 18 de maio, mas a prometida de 25 não veio. Deu-te a preguiça ou os grandes trabalhos te fizeram adiar a promessa?

Fiquei contente ao ver que me fazias justiça, reconhecendo nobreza no meu proceder, depois do 15 de novembro de 1889. E por carta não foi possível narrar-te tôdas as minúcias, que só em longa e amistosa palestra se podem referir. Asseguro-te que homem de brio e patriota sincero, eu não podia nem devia proceder de outra maneira.

Calei-me sempre, embora com o risco de interpretações injustas, porque devia gratidão ao imperador, de quem só recebi provas de aprêço e de estima superiores ao meu merecimento.

Porhamos um ponto final neste caso e apelemos para a oportunidade feliz de um encontro, em que me possa expandir no seio da amizade.

Desçamos ao presente, meu velho e bom amigo.

Deves imaginar que soma de trabalho me pesa sobre os ombros.

Fui aos poucos cedendo à solicitação de amigos, e daí me resultou a situação atual.

Instado para voltar ao Instituto Histórico, donde me afastara desde os últimos anos do Império, para lá tornei e, de simples sócio, fizeram-me depois redator da "Revista" (cargos que me dão muita massada).

Em 1912, solicitado pela quarta vez para assumir a Diretoria da Instrução Pública Municipal, não tive ânimo de recusar, mas aceitei-a na pior ocasião, isto é, na vigência de uma lei absurda e desorganizadora, feita pelo meu antecessor, — lei que tem sido difficilimo alterar e com a qual vou vivendo sobre espinhos.

Tudo isto, meu caro Elói, bem podes avaliar como me desgosta e perturba. E não é tudo. Como não tive coragem de abandonar o meu Asilo (digo meu, porque nasceu-me nas mãos e há 14 anos nêle trabalho com amor), como não tive coragem de abandoná-lo, repito, aqui estou zelando pela educação destas 140 crianças, fazendo o que posso para mantê-lo com honra e proveito.

E não é tudo, meu Elói. Aqui no Asilo Gonçalves de Araujo tive uma aluna distintíssima pelo talento e pelos dotes morais. Foi minha discípula n.º 1. Preparei-a para entrar para a Escola Normal a fim de assegurar-lhe um futuro digno; fez ela brilhante exame de entrada, matriculou-se, está no 4.º ano, findando o curso, e sou eu quem acompanha os seus estudos quem lhe tira as dúvidas. E' uma grande filha muito querida, que me obriga a rever línguas, Literatura, História Natural, Física, Química, etc.

Perguntarão, talvez, como acho tempo para tudo isso; pois acho, porque não tenho distrações mundanas nem perco um minuto em futilidades. Basta-me o prazer de fazer o bem a quem tanto merece.

Aqui tens, meu bom Elói, um resumo desta minha vida de trabalho, aos 68 anos de idade.

E aí vem outra prebenda, a que ainda não falei: o próximo Congresso de História Nacional que estou preparando com afã e supondo dará algum resultado.

Vejo agora, chegando a esta página, que te estou impingindo uma longa história sem interesse. Perdoa-me, foi vontade de conversar.

Até outra vez. Escreve-me, e creê que muita saudade sou sempre aquêlê antigo companheiro.

Benjamim Franklin de Ramiz Galvão."

Esse grande e sincero amigo do dr. Elói era, melhor dizendo, o Barão de Ramiz Galvão. Seu antigo colega na Faculdade de Medicina. Professor de grego e literatura, diretor da Instrução Pública e da Biblioteca Nacional, tradutor de Êsquilo e Vergílio entre nós. Pertencia à legião de homens sem os quais não haverá grandes exemplos para a mocidade.

E os outros colegas do dr. Elói, assim de Medicina como do movimento ideológico?

Além do extraordinário Ramiz Galvão, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de "O púlpito no Brasil", em que se detém no estudo de outro iguaçuano — Frei Sampaio, grande orador, de tão altos remígios quanto Bossuet ou Vieira, — incluem-se ainda as figuras exponenciais de Cândido Barata Ribeiro, ex-senador da República, também professor da Faculdade de Medicina, cirurgião emérito, autor de inúmeros trabalhos, como: "Cartas ao cidadão Quintino Bocaiuva",

"Resumo de discursos", "Cartas do Distrito Federal", "Pareceres", "O Ensino Superior", etc.

O outro amigo, igualmente egresso dos bancos acadêmicos e anfiteatros chamava-se Malaquias Gonçalves, consagrado autor de "Moléstias dos orifícios esquerdos do coração", "Das influências do traumatismo", etc.

Lopes Trovão, o grande orador da campanha abolicionista foi também companheiro seu, amizade que o dr. Elói fez questão de conservar desde os tempos da Faculdade.

Enfim, conviveu êle com o inesquecível grupo que viria a tomar parte no grandioso espetáculo da Abolição, de cujo elenco faziam parte: José Mariano, sempre rebelde e generoso, a cuja voz Pernambuco entregara seus destinos; Silva Jardim, constantemente a usar o verbo transformado em lança; Celso Lisboa que, como Lopes Trovão, tinha seus pensamentos ligados à mais pura convicção republicana; Joaquim Nabuco, para quem a maior aspiração era ser, em primeiro lugar, um fiel servidor da causa; Luiz Gama e José do Patrocínio, comandantes negros da campanha, assim no Rio como em São Paulo, escravos pelo berço e heróis pela vontade, sempre caluniados na côr; Coelho Neto, ainda adolescente, mas já triunfante; Paula Ney, seu colega de turma na Faculdade, estudante descuidado, porém inteligente, cheio de entusiasmo e paixão pela grande causa: abandonara os estudos, porém nunca o ideal abolicionista.

Os outros se chamavam João Clapp, proprietário da Chácara das Camélias, o maior esconderijo dos escravos, Ciro de Rezende, Ubaldino do Amaral, Júlio do Carmo, Plácido de Abreu, Brício Filho, todos pertencentes ao movimento renovador a que o dr. Elói não só hipotecava solidariedade, senão ainda os elogiava em inúmeros escritos.

A influência que dêles recebera foi tão grande que, no dia de sua formatura, no auge das convicções ideológicas, mandou libertar todos os escravos à sua guarda.

Talvez por se revelar assim, humano e compreensivo, é que tivessem os deuses ajudado o dr. Elói ao longo de sua bela e luminosa carreira.

Agora, profissional dedicadíssimo, procura aumentar o acervo de conhecimentos médicos. Tem de corresponder à confiança que em si depositavam os parentes, certos de sua inteligência e capacidade de estudo, reveladas desde a puerícia.

E não decepciona.

Tão depressa se forma, defende com autoridade a tese "Das causas que determinam as dispepsias no Rio de Janeiro, qual o tratamento que mais aproveita", no dia 7 de novembro de 1868, além das proposições sobre a "Pneumonia", da "Eclâmpsia durante a gravidez e o parto" e "Infanticídio por omissão" que, pelas citações, revelam ser êle versado em francês, inglês e português, — idioma em que muito escreveu e dominou, demonstrando possuir seus largos recursos e opulência, além de clínico adiantadíssimo à sua época.

O problema hanseniano também mereceu cuidado, em "A profilaxia da Lepra no Brasil", em que se sente, uma vez mais, tanto a extensão de seus conhecimentos como ainda a formação que o levaria a pensar continuamente em seu semelhante, que olhava com sentimentos de fraternidade, como rezavam as religiões e doutrinas ao seu tempo.

Procurou ser honesto esforçado quanto pode. Fiel a tudo quanto fôsse idéia elevada, humana, redentora.

Até que mais tarde, não podendo resistir a tanto impulso, a tantos ideais já sedimentados em seu espírito, desde os tempos da Faculdade, onde se iniciara o movimento libertador, ingressa no Partido Republicano. E principia a colher os frutos de sua experiência, a fazer jornalismo. Aliás, medicina e jornalismo.

A seu lado, coloca as figuras de Constantino Paletta, Fernando Lobo, Fonseca Hermes, Luiz Detsi e Gonçalves Ramos.

Sua colaboração cresce no jornal do Partido, denominado "A Propaganda", em que suas ideologias encontram livre curso e disseminação.

E, por que o dr. Elói, tão competente clínico, derivava na sua profissão, sacrificando sua comodidade e recursos em favor de tais reivindicações? Ele que mais tarde viria a tornar-se proprietário de terras a quem o braço escravo só poderia aproveitar?

Porque realmente, antes de mais nada, significam a encarnação de forte caráter, reto e admirável, sem trair um só de seus ideais. O que fez com que atravessasse a existência cercado do maior respeito e estima, elevando-se sempre e principalmente pelos elevados dotes de inteligência e coração.

Seu espírito não se detinha nunca. Como espiral sempre em ascensão, descrevia imensas volutas, numa ânsia incontida de crescer, subir.

Bastante esclarecido, revelava-se extremamente inclinado para a solução dos problemas coletivos:

Em suas reflexões, o ser humano apresentava um lado econômico, em consequência do qual decorria o social, carente de meditação e estudo. E tais idéias jamais o abandonariam.

Quem quer que leia seus escritos ainda hoje, assim poderá concluir sem dificuldades, visto tal verdade constituir a constante de nossos dias.

Dai o ter começado pela ação liberticida, como primeiro passo para a objetivação de suas idéias. Os escravos livres poderiam estudar. Em consequência dos estudos, tornar-se-iam esclarecidos, em condições de escolher seus governantes. Seu ideal era o de um mundo livre, com possibilidades de salários e instrução para todos, subindo cada um em função de sua inteligência e do próprio esforço.

E, que outra coisa não é uma nação senão a soma de esforços de cada um?

Por isso, tanto lutava pela libertação, como ainda protegia os escravos, quer oferecendo-lhes alimento, quer, ainda, medicação e — o que é mais importante — conforto moral, através de sua palavra e atitudes.

Em uma de suas teses sobre a tuberculose, em que afirma ser curável, deixa transparecer perfeitamente tal sentimento. Deixemos que fale à página 75:

“Outrora, entre Iguaçu e a antiga Côrte o café chegado da Serra era transportado em lanchas.

Os pretos, escravos, serviam-se como os barqueiros do Ródano, de longas varas que apoiavam na parte superior do peito, para impelir as embarcações.

Era serviço penoso, mas eles, escravos, gostavam do ofício pela relativa liberdade que gozavam; mas, apesar de contentes, muito bem tratados, bem alimentados, e vestidos, morriam típicos. O fato causava-nos surpresa.

Seria o esforço, as intempéries, o corpo em suor, molhado por súbito aguaceiro?” E’ a pergunta que a si mesmo fazia, como prova do quanto se inclinava para o ideal libertador — traduzido ali pelo particular do conforto e bem-estar dos barqueiros, para espanto seu, futuros enfêrmos!

Sem dúvida, havia razões para indagar assim, pelo que estudara em sua mocidade e presenciara ao depois — o que o levava a transformar-se, dada a sua vocação para as letras e para a medicina, num Castro Alves de esmeralda, cheio de catinho, preocupado até com a sorte das naus negreiras!

Mas, apesar de gostar de Iguaçu, a que sempre se referia, tinha de optar por Almargem, a conselho de seu mestre e amigo Torres Homem.

Elói de Andrade, de tanto lidar com doentes, de muito condoer-se dos barqueiros africanos, acabara por contrair a tuberculose. Ocorrência que o obriga a afastar-se não só de Iguaçu, senão ainda da cátedra na Faculdade de Medicina, em que prelecionava como assistente de Torres Homem, catedrático de Clínica Médica.

Naquele tempo, o Barão de Torres Homem representava a culminância do ensino médico no país, a mais alta expressão de didatismo dentro da tradicional escola de ensino superior.

Era êle o luminar, o paradigma dos mestres, aquêle que, segundo Dias de Barros, foi “o mais infatigável trabalhador que já viram as gerações acadêmicas”.

Inteligência notável, clínico de fina acuidade, observador dos mais argutos, por isso que, criador de escolas.

De outro modo, Torres Homem destacava-se como digno representante de sua época. Cultivava, na cátedra, as primícias

de sedutora eloquência, em alguns passos, extasiante, até. Sua medicina, altamente cultivada, possuía outra grande companheira: a literatura. O que fazia com que suas aulas fossem procuradas pelos seus discípulos, sempre satisfeitos com o encanto e a serenidade da ciência que, como ninguém, sabia transmitir.

Na ensinância clínica, nunca o superaram. Foi notável aliciador de prosélitos para suas doutrinas que eram, aliás, as melhores de seu tempo.

Pois foi esse extraordinário mestre, o grande conselheiro de Elói de Andrade. A quem ele teria de ouvir, principalmente, no que dissesse respeito à sua doença. Com ele muito trabalhara, dêle assimilando os magníficos exemplos e influências, pois, Torres Homem, no seu próprio dizer, constituía um clarão a iluminar e a atrair os seres à sua volta, sequiosos da luz de sua maravilhosa sabedoria.

Almargem, para aonde fôra o dr. Elói, era pequeno sítio localizado no Município de Juiz de Fôra, homônimo de um lugarejo situado ao sul de Lisboa, onde, durante muitos anos, residiram seus pais. Fôra a sede que reservara para repousar, recuperar-se e constituir família, ao lado de d. Mariana Cecília Ribeiro de Andrade, com quem se consorciara.

Lugar de clima ameno e saudável, só lhe poderia trazer benefícios.

A clientela — pensou — teria de ser forçosamente a de lá, das redondezas.

Em Almargem produziria suas obras. Divulgaria um mundo de conhecimentos, auferidos no Rio de Janeiro. A ciência e a literatura aliar-se-iam e constituiriam sua provisão. Dali daquele recanto, situado entre montanhas verdejantes, dima-

naria um mundo de coisas úteis, assim sobre medicina como sobre história e literatura — as diletas companheiras dos amigos de outrora.

Assim foi.

E, se assim pensou, do mesmo modo agiu.

Tão depressa se fortaleceu, aos primeiros sinais de vigor, principiou a clinicar e a escrever. Não dava tréguas ao seu incessante labor.

Se, de um lado, o lugar lhe proporcionava pouco, financeiramente, de outro enriquecia seu cabedal, ampliando-lhe os horizontes, graças às leituras repetidas.

A meditação e a vida calmas, em troca, permitiam-se-lhe tudo isso.

Enquanto seu número de apólices diminuía, pois levava oitenta, quando para lá partira, — a fecunda atividade mental lhe aumentava a produção. Surgem no prelo volumes a mancheia.

“Serões de Almargem”, composto de 15 contos; “A Filha de Luiz XVI”; “Lúcia Vergueira”; “O Caçador de Dotes”; “O Primeiro Imperador”; “O Império”; “A Escravidão” — produtos de sua vida de elocubrações que o remanso das alterosas aprimorava e desenvolvia.

Até mesmo o importante problema de nossa principal rubiacea foi por ele muito bem abordado em “Grandeza e decadência da Província do Rio de Janeiro”, a ponto de o historiador Afonso de Taunay transcrever certos trechos em seu importante livro “A História do Café”, como documentação.

O mesmo brilho emprestou ao “Paralelo entre a Revolução Francesa e Inglesa”, que tão bem traçou, já no dealbar da

República, proclamada em 1889, quando já contava 47 anos de idade.

Forçosamente, tinha o dr. Elói de sofrer as injunções do largo período, prenhe de ideologias, em que viveu — desde os tempos de estudante, por volta de 1866 (quartanista), no fastígio do Império, até à República, rica de influências literárias.

Era êle relativamente jovem, quando o Romantismo, paralelamente com as idéias republicanas, espalhou-se pelo mundo inteiro. Lá fóra, entre os mais ilustres escritores, surgiam Montaigne e Flaubert.

Entre nós, dois grandes vultos encarnavam êsse período literário: Gonçalves Dias, na poesia; José de Alencar, na prosa. Ambos davam ao português do Brasil em que se escrevia e falava, uma plasticidade nova e novo encanto, tal como em Portugal fazia o outro romântico, Eça de Queirós.

Quando o dr. Elói produzia seus "Serões de Almargem", cheio de responsabilidade e cultura, o Brasil atingia a culminância em vários sentidos: na Guerra, brilhavam Caxias, Araújo Porto Alegre e Osório; na Marinha, Tamandaré, Barroso e Inhaúma; na governação, Paraná, Zacarias e Cotegipe; na diplomacia, Visconde do Rio Branco, Otaviano e Penedo; nas artes, Pedro Américo, Vitor Meireles e Chaves Pinheiro; na literatura, José de Alencar, Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães; no teatro, João Caetano; na música, Carlos Gomes; na poesia, Gonçalves Dias, Castro Alves e Fagundes Varela.

Tudo teria de impressionar o nosso patrono.

Veio afinal a República em 1889. Elói de Andrade, cheio de conhecimentos, teria muito o que produzir. Escreveu sobre "O Império" e "A Escravidão".

Porém, com a República, cada vez mais a literatura brasileira se voltava para os grandes problemas nacionais. Todos tinham a ânsia de compreendê-la e de glorificá-la. Ninguém que se dava ao mister de estudar, poderia permanecer indiferente ou alheio aos assuntos nacionais. Seria leso-patriotismo.

O "Porque me ufano de meu país", de Afonso Celso, marcou largo período.

Aos românticos, aos condoreiros e indianistas, viu o dr. Elói de Andrade sucederem-se filósofos como Sílvio Romero e Farias Brito, críticos como Araripe Junior e José Veríssimo, historiadores como Capistrano de Abreu e João Ribeiro, romancistas realistas como Júlio Ribeiro e Aluizio Azevedo, poetas simbolistas como Cruz e Sousa, parnasianos como os da trilogia sagrada: Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira.

Nas letras jurídicas e políticas, conheceu um vulto exponencial: Rui Barbosa. Na prosa, duas figuras máximas, iluminando o cenário intelectual: Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Machado de Assis, indo até o fim do Império, foi o paisagista das almas urbanas, sem preocupação do meio em que vivia. Estilo claro e conciso. Analista percuciente e irônico dos refulhos dalma.

Euclides da Cunha, brotado da própria República, foi o pintor das coisas sertanejas, ignoradas ao longo do imenso litoral.

A obra de todos, influenciando poderosamente no pensamento nacional, a lançar as bases de vasto movimento literário, não podia deixar de atuar no espírito do inteligente iguaçuano que, em Minas, com outros companheiros, publicava o jornal — "A Propaganda" — demarcação nítida de tal movimento, a que não

faltava nem o regionalismo brasileiro — sua consequência imediata.

Em profusão, foram surgindo patriotas que se juntavam aos escritores que tomavam parte no movimento republicano, a que se ligara o dr. Elói de Andrade — tudo favorecido por uma monarquia paradoxalmente democrática, da qual se podia dizer e escrever à vontade, mesmo as coisas mais absurdas e injustas.

Tal foi, enfim, o período em que viveu e atuou nosso patrono, desde a fase acadêmica, até quase seus últimos dias: num turbilhão renovador, cheio de homens cultos e brilhantes, cada qual mais cioso de seu dever para com a Pátria. Pelo que, não poucas vezes, teve de encostar o pergaminho, o anel e o termômetro, para empunhar a pena, a serviço das novas concepções, a benefício do país.

Contudo, é exatamente em 1906, 38 anos depois de formado, que Joaquim Elói dos Santos Andrade demonstra, efetivamente, sua bela inteligência, sua capacidade de estudioso e pesquisador, como médico que foi. Apesar de todos os movimentos ideológicos em que se envolvera, nessa altura é que dá sobejas provas de estar com seus conhecimentos científicos inteiramente atualizados, ao publicar esse trabalho — *A Tuberculose é curável* — que, ao seu tempo, deve ter constituído verdadeiro monumento.

A respeito dele, como especialista, escrevia Torres Homem, ao prefaciá-lo o “*Tratado de Phthisica Pulmonar*”, em 3 de abril de 1880: “Dotado de brilhante talento, dispondo de um espírito observador bem desenvolvido, de que deu evidentes provas quando cursou a aula de clínica interna da Faculdade do Rio de Ja-

neiro, esse jovem colega não podia escolher melhor assunto para seus estudos; nem melhor meio de enriquecer a literatura médica do país”.

E mais adiante:

“Benvindo será sempre o médico que estudar os diversos e complicados problemas que se referem à tísica pulmonar em que se especializou — principalmente sua etiologia e o seu tratamento; no Brasil, onde tudo concorre para aniquilar a atividade intelectual do homem de letras, o serviço prestado à humanidade e à pátria será ainda maior: receba, pois, o sr. dr. Elói de Andrade, as minhas felicitações e os meus louvores”.

Bem merecido.

Lendo-se seu trabalho, numa ocasião em que pouco se sabia de tísica, pode-se avaliar o quanto foi estudioso. Em alguns passos, até, sente-se o quanto andou a acompanhar o cientista alemão — Koch — em suas pesquisas. Bem como sua ânsia de colher o material no doente e, juntamente com o sábio tudesco, preparar uma solução à base do bicloreto de mercúrio, de ação antisséptica. O que tanto mais o valoriza quanto é certo que se formara em 3 de dezembro de 1868; e o bacilo da tuberculose fôra descoberto em 24 de maio de 1882, portanto 14 anos após sua colação de grau.

Numa época em que as publicações não ganhavam a velocidade de hoje, êle afirmava que a infecção era produzida por um bacilo, produtor único da moléstia, ensinando seu meios de cultura. Suas características. Toxinas. Como se opera o contágio. Causas predisponentes. Profilaxia e tratamento, tal como o descobridor Roberto Koch enunciara, — numa demonstração de estar perfeitamente em dia com as mais recentes pesquisas, levadas a efeito na Europa.

Em inúmeras oportunidades, sentimos o dr. Elói a espreitar o cientista alemão, principalmente a inocular bacilos nas cobaias; depois, observar seu pêlo macio tornar-se eriçado; e, em seguida, os corpinhos se definharem, até se tornarem feixes de ossos. E febris!

Deixemos que ele mesmo fale em sua obra:

"Sem perder-se no tumulto das falsas doutrinas, o contágio da tísica atravessou todos os séculos; os povos do sul da Europa, queimando os objetos maculados pelos tuberculosos, ou do norte, ao contrário, com o riso de escárneo para essas velhas usanças, resto de tradição da barbaria do tempo. Assim chegou até 1864, quando as experiências de Willemin, demonstrando a virulência da matéria tuberculosa, provaram, ipso facto, a realidade do contágio.

Não assim pensaram todos, e a luta surgiu impetuosa, até que terminou a 24 de maio de 1882, com a comunicação que fizera Koch à Sociedade de Fisiologia de Berlim, de que havia descoberto o agente infeccioso, o transmissor da moléstia. E o havia isolado.

Descobriria, diz Bernheim, um líquido colorido que, impregnando-se e fixando-se, o bacilo resistia a todos os agentes corantes!"

Quanto sabia o iguaçuano!

E pensar-se que era tão grande clínico quanto historiador e jornalista!

Realmente, aquela sociedade de Fisiologia, antes uma sala simples e acanhada, tornara-se magnificante pela presença dos mais brilhantes homens de ciência, da Alemanha. Paul Erlich, o descobridor do 914 lá se encontrava, assim como o maior patologista do mundo, o eminentíssimo professor Rodolpho Wir-

chow que, pouco tempo antes, torcera o nariz a êsse Koch e seus supostos bacilos!

E Koch, ao apresentar seu relatório, a que se refere o dr. Elói de Andrade, tinha as mãos trêmulas, assim como sua voz, logo no início.

Porém, com modéstia admirável narrou a história simples do processo pelo qual ele havia pesquisado o invisível assassino que matava um ser humano para cada grupo de sete que o adquiria!

Koch ensinou todos os lugares de emboscada dêsse microbio esguio, sua força e fraqueza. E mostrou-lhes, igualmente, como podiam começar a caçá-lo, a eliminar tão mortal inimigo invisível.

E daqui do Brasil Joaquim Elói nada perdia. A tudo ouvia atentamente, anotando em seu livro as ocorrências mais interessantes, aplicando seus conhecimentos a benefício do semelhante, por inteligência e por dever de profissão.

Tal é a história dêsse conspícuo cidadão cujos exemplos devem ser imitados pelos verdadeiros iguaçuanos da nova geração, ávidos de bons exemplos.

E' bem verdade, Joaquim Elói dos Santos Andrade fôra obrigado a mudar-se da antiga Iguaçu onde morava, por questões de estudos, a princípio; e de saúde, ao depois.

O conhecimento de sua especialidade, certamente, de par com o conselho de seu mestre e amigo, é que lhe apontaram o local de clima ameno e salutar, de onde mais tarde enviaria um mundo de produções, em muitas das quais externou a saúde de sua terra natal, situada em nosso grande e querido Município.

Entre as pessoas com que conviveu, tornou-se utilidade social como a própria Arcádia Iguaçuana de Letras. Sua vida e seus exemplos, através de longo roteiro, só criarão discípulos e admiradores.

A glória de sua velhice, tão rica de luz, como a própria visão que êle nunca teve enublada ou sequer diminuída no ambiente crepuscular, deixou iluminados os caminhos para todos nós.

Com êle, permanecerá o exemplo do cavalheiro íntegro, que atravessou a existência cercado do maior carinho e respeito, pelo muito que procurou fazer pelos semelhantes.

Em compensação, quase no fim da vida, veio a sentir a doce e inefável alegria de ver seu nome gravado numa das principais ruas de Matias Barbosa, localidade próxima de Juiz de Fora e de Almargem, a cujos habitantes tanto servira.

Nimbado de glórias pela satisfação do dever cumprido, amado e admirado pelas qualidades de seu espírito acrisolado, faleceu no dia 6 de dezembro de 1924, aos 82 anos, depois de ter sido aluno pobre de um mosteiro, onde aprendera a única maneira de construir sólidamente para o tempo e para a eternidade: edificar sobre a virtude.

Assim fazendo, adquiriu muitos dos grandes predicados que acabaram por elevá-lo e entronizá-lo no coração de quantos tiveram a ventura e a honra de o conhecer, conforme atesta o poeta Belmiro Braga:

*Inscrevemos-lhe o nome querido
Na rua local, entre palmas.
— Esse nome que vive esculpido,
No recesso de tôdas as almas.*

*Esse povo tão grato aos favores
Que tem feito a Matias Barbosa,
Traz-lhe cantos, abraços e flores,
Pela boca da infância ditosa.*

*Estes cantos dos lábios fluindo,
São hosanas de amor à trindade,
Que lhe vimos na fronte fulgindo:
O Talento, o Saber e a Bondade.*

*Creia, pois, neste canto e consente,
Que lhe afirmem uns lábios em flor:
Se a palavra dos homens lhe mente,
As crianças não mentem, doutor.*

No

Co

lh
sa
liz
do
ca
te
qu

es
de
B
P
A
to
si
L
n
fe
d

c
l
d
r
e
n
e
h
d
n

c
l

Lançamento de um livro

Por ocasião do jantar comemorativo do lançamento de "Sob o céu de minha terra", oferecido pela Arcádia Iguaçuana de Letras, e com a participação de muitas pessoas de nossa sociedade, pronunciou o autor dêste livro, em agradecimento, as seguintes palavras:

"Primeiramente, antes de toda e qualquer digressão, o meu mais sincero e cordial agradecimento às palavras generosas tecidas em meu louvor, pela obra recém-lançada, bem como à comissão que, em hora tão afortunada, idealizou esta maravilhosa e espiritual reunião que se coloca entre a inteligência e a bondade dos ilustres confrades da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Para mim, tudo vai além da expectativa.

Não somente pela atenção e cordialidade desta hora, em que nos congregamos felizes em torno do acontecimento comum a quase todos os que compõem a nossa Casa: o lançamento de um livro. Mas, também, e principalmente, por haverem as circunstâncias me reservado um poeta para a apreciação de minha pessoa e de minha obra.

Por acaso, sabeis o que isso significa? O proporcionarem-me a sensibilidade e a inspiração de um vate, cem por cento iguaçuano, para o julgamento de um opúsculo à procura de poesia, como é o "Sob o céu de minha terra"?

Não fôsse êle o autor de "Vitória de Samotrácia", já tanto bastava para me sentir com a vitória...

Tais poetas, meus senhores, sabem como contar as coisas e emprestar às palavras um tom divino, por menores que sejam nossos cometimentos.

Consoante já acentuei algures, quando se encontram em nossa companhia, falam e agem como qualquer mortal. Tão logo se retiram, porém, para seus castelos altiplanos, tudo neles se transmuda. Perdem aquela aparência trivial e mergulham em sonhos de beleza. Escrevem, como aconteceu há pouco, — e o escutastes bem — captando tudo que Deus pôs de mais belo neste mundo. Conservam com ninfas e bebem néctares invisíveis. Depois que colhem tais elementos, retornam, então, ao nosso convívio com o belo trabalho, rico de inspiração e conteúdo, como o poema de amizade que acabastes de ouvir.

De maneira que, se nada houvesse de bom em “Sob o céu de minha terra”, agora tudo se valorizaria ante as palavras do inspirado bardo. Ocorreria o avatar. Sua musa e harpa bastariam para inundar o ambiente e encantar as horas.

Dai minha satisfação por o haverem escolhido.

Quanto ao livro, propriamente, ainda entregue à leitura dos iguaçuanos a quem enderecei com amor e carinho, pouco que lhe valha o conteúdo, vê-se exaltado hoje pelo prestigioso comparecimento de tão distintas companhias, na maioria árcades ilustres, e ao mesmo tempo amigos, a este sarau de que jamais haverei eu de me esquecer.

Críticas a êle foram feitas, e aos magotes, sob o mesmo céu que o inspirou.

Uma delas, chegou a citar Flaubert, Balzac, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos como desbastadores, brunidores de seus escritos, para que não saíssem como saiu o meu: a toque de caixa, seu maior pecado! A urdidura — foi acrescentado — requer artesanato! E quejandos outros conceitos foram emitidos, quando reconheciam ser realmente difícil definir-se o con-

to, para o qual os americanos, como bem acentuou o árcade Cial Brito, reservam a denominação de “short story”, por não haver nêle a trama psicológica necessária ao romance. Conto, no dizer de Drummond de Andrade, é tudo aquilo que denominamos conto. E o romance é o conto com recheio.

Mas a obra aí está. E, se a criei, foi desejoso de aproveitar a oportunidade de mais um lançamento que alcandorasse Nova Iguaçu. Que mostrasse algo desta terra que tem sido tão preterida, principalmente pelos que, melhor do que eu, poderiam exprimi-la em boa prosa. Terra que, pelos seus contornos e acontecimentos sociais, tem aprimorado a sensibilidade de tantos, como aquêle a que se referiu o acadêmico Tristão de Ataide, num de seus recentes comentários sobre a poesia. Mas que, na hora de compor estrofes ou trabalhar a rima, quando o sol desponta ou surge o plenilúnio, voltam-lhe as costas para entoarem a inspiração distante.

Em “Sob o céu de minha terra”, com o tempo e material de que dispunha, foi o que pude colher para enaltecer a cidade que me embala desde a puerícia.

O título, muito antes de “À Sombra dos Laranjais”, já vivia em minha alma, desenhado na capa de cadernos.

Dêsse modo, meus senhores, sinto-me compensado dentro do turbilhão constituído pela publicação, inspirada no céu anil onde, mercê de Deus, ressurgirão os vultos aqui nascidos e que, a esta altura, demandam o caminho da eternidade!

E, em tal aspecto, como tem sido grande a Arcádia!

Quanto tem ela produzido!

No início, foi aquela dificuldade relacionada com a organização de programas e elaboração dos Estatutos. Ao depois, seguiu-se o feliz coroamento de esforços despendidos, através

da oração altiloquente do brilhante acadêmico e magnífico reitor, prof. Pedro Calmon que, trazido pelo entusiasmo de Rui Afrânio Peixoto, soube dourar, com as tintas de sua maravilhosa arte, a cúpula de nossa confraria.

E agora, é de se esperar, todos os anos, nesta mesma época, aqui ou alhures, nos reunamos para evocar a vida dos que procuraram realizar algo a benefício desta cidade; dos que publicarem livros ou pronunciarem conferências em horas de inteligência e espiritualidade.

Confesso-me — perdoai-me a franqueza — que desamo a literatura dos banquetes. Não gosto de usá-la. Nem tampouco de escrevê-la.

Mas outros que a cultivam com amor e carinho, melhor do que nós poderão a ela se entregar. Porque os tempos idos, acervo do passado, determinam uma apreciação literária de nossas atividades.

E que melhor pode haver que uma roda assim? — principalmente de poesia, porque, além da qualidade dos oradores, o que se diz de cada um de nós, como já observou o agudo e sutil Renan, é sempre poesia.

Falando, pois, da Arcádia e de mim também, por conseguinte, — falo de um assunto que nos é caro e o faço com simpatia e gosto, na qualidade de Secretário.

Temendo as omissões desta difícil tarefa de recordar, noticiarei para os presentes os acontecimentos mais importantes que se verificaram em nossa rota e se relacionam com pessoas e suaves ocorrências que caracterizam nossas atividades.

Numa Casa como a nossa, de homens que procuram ver tudo claro, a atividade intelectual é sempre contínua, serena, sóbria e pausada.

Mesmo porque não há nela lugar para atropelo e pressa. Tudo se faz na Arcádia, Deus seja louvado, com calma e sabedoria. Na cadência com que devem trabalhar os que pensam e atuam com os olhos voltados tão somente para os problemas da cultura, para a conservação da memória das coisas belas e eternas.

E quem examinar com isenção a vida dela, há-de reconhecer, sem esforço, como traço mais acentuado, a boa vontade em construir para o futuro de nosso Município. O que lhe dá, apesar de tão curto tempo de vida, essa maturidade característica que lhe empresta o conceito de que já desfruta.

O convício acadêmico que nela existe é, hoje, em Nova Iguaçu, um modelo inalterável de serena cordialidade, de polida graça, de trabalho honrado e tranquilo, e dela foram, em boa hora, suprimidos os leves traços de rivalidade, malquerença ou competição, que tornam o meio das letras um pouco áspero, porque, na Arcádia, todos pelejamos pela igualdade fraterna de uma convivência sem têrmos e sem hiatos, dominados pelo pensamento comum de trabalhar, como queriam nossos patronos, grandes pela extensão de suas idéias e de seu saber.

Resumindo, pois, nossas atividades arcádicas, podemos relembrar a magnífica sessão inaugural, produto da boa vontade, do esforço conjugado de todos os árcades. A seguir, a bela exposição de pintura de Heitor Pinto da Silva. A divulgação dos Estatutos, bem como, através do "Correio da Lavoura", de todos os princípios que determinam nossas sadias reuniões e encerram lições para coevos e pósteros, em que são ressaltados os valores da cultura e das manifestações artísticas, em tôdas as suas formas de expressão; inclusive o valor que deve representar para os iguaquanos o lançamento de obras que digam respeito à sua

terra e sua gente, principalmente dos vultos que dão nome às vinte cadeiras da Arcádia, os quais, pelos seus feitos e pela glória que os doura, se incorporaram à História.

Livros, destarte, e por tal motivo, tê-los-emos a mancheia. Mesmo porque não é outro o objetivo de nos reunirmos aqui.

Menos, sem dúvida, pelo meu valor pessoal. Mas pela quantidade de que Nova Iguaçu precisa para melhor divulgação de seu Passado. Pelo que se pode sentir o quanto a Arcádia peleja — e o quanto começou bem!

Assim, meus senhores, para encerrar, quero fazer sentir, aos que aqui se encontram, a necessidade de a Arcádia ser compreendida pelo grande público. Ajudem-na, para que Nova Iguaçu possa orgulhar-se desse movimento já vitorioso, capaz de honrar e dignificar qualquer Município.

Pequena história da Arcádia Iguaçuana de Letras

INTROITO

A organização da Arcádia Iguaçuana de Letras é a prova de que tanto literária quanto politicamente, somos um Município independente, que possui o seu destino, seu caráter distinto. E só deve ser dirigido por si mesmo, desenvolvendo sua vida com seus próprios recursos, só aspirando à glória que possa originar-se de seu próprio seio.

Atentem para o fato de que, enquanto outras Academias escolhem seus patronos em plagas distantes, a imortal Arcádia Iguaçuana os possui originários de seu berço natal, aqui situado, sob o mesmo céu em que vivemos.

A nosso ver, esse é o seu maior galardão e a grande glória. Ainda que nossos avós, que ela acolhe e os assenta, não sejam os maiores vultos das letras pátrias, tal originalidade a caracteriza bem, emprestando-lhe algo de que os iguaçuanos devem realmente se ufanar.

O ARTIGO DE QUE PROVEIO A ARCADIA

(Dirigido ao proprietário da ex-Livraria Nova Civilização)

Realmente, Nova Iguaçu necessita de uma Nova Civilização. Trepanda já a môfo a conceituação de alguns valores, tidos como positivos, mas que até hoje nada fizeram como atestado vivo de suas atividades mentais, de seus conhecimentos, para o benefício espiritual de nosso povo. E' bém verdade, as praças públicas, muito mais que os recintos fechados, é que têm mostrado o alto grau de inteligência e do cultivo dos iguaçuanos. Como dizia Castro Alves, a praça tem sido dêles como o céu é do condor...

Mas só isso não basta. O povo carece estudar. Precisa do estímulo e da lição da palavra escrita que dura e permanece para que seja mais fácil ou quiçá possível a manifestação e a expansão dos pendores literários e, consequentemente, obtermos um estádio mais avançado da civilização.

Mas só isso também não é suficiente.

Nova Iguaçu já possui filhos ilustres, e dos maiores, dentre os grandes brasileiros. Homens que já escreveram tratados de jurisprudência, ciência do Direito e das leis, e que por isso mesmo mereciam a atenção, o estudo e o conhecimento aprofundado de todos os iguaçuanos de nascimento e de coração. Já tivemos contrerrâneos que aqui viveram e que se destacaram na ciên-

cia médica e nas letras, como professores da Faculdade de Medicina.

Quem lê, numa ruazinha, o nome do dr. Tibau, não sabe que êle foi o autor de um compêndio de Física Médica. Que já houve figuras ilustres como João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, como o Marquês de Itanhaém, Rangel Pestana, Bernardino Melo e Pereira da Silva que, sem desdouro, poderiam figurar num grande sodalício como é a Academia Brasileira de Letras. E agora? Que é o que se vê? Valores dispersos, sem nomes que fulguem, cada um tratando de si, sem proveito para os novos.

Assim, ao desejar para Nova Iguaçu uma Nova Civilização, brilhante e radiosa, alvittraria aqui, através destas columnas, a criação da Academia Iguaçuana de Letras, com um programa vasto de trabalho, de publicações, para incentivo e congraçamento de quantos aqui vivem e militam. Teríamos, assim, umas quinze ou vinte cadeiras, no máximo, ocupadas por 20 acadêmicos, sendo preenchida por nova eleição a vaga que se verificasse com a morte de algum membro.

O primeiro dêles — membro fundador — escolheria, dentre os grandes vultos iguaçuanos falecidos, os patronos das cadeiras. E teria a Academia por finalidade promover o progresso da cultura entre nós: 1.º) pela publicação de trabalhos de valor; 2.º) pela confraternização entre os autores; 3.º) pelo estímulo moral e pecuniário, através da Municipalidade, aos novos e necessitados; e de outras formas. E, para chegar a tal fim, poderia lançar mão dos seguintes meios: 1.º) publicar uma revista periódica; 2.º) reunir freqüentemente seus componentes, com discursos congratulatórios e conferências, abrangendo principalmente e sobretudo temas relacionados com o nosso Município,

nossa gente e costumes; 3.º) numerosos prêmios atribuídos, por concurso, às melhores obras que aparecessem cada ano. Como não seria fácil conseguir-se um Francisco Alves, de herança nababesca, poder-se-ia, através da Municipalidade, ou dos mecenas iguaçuanos, obter-se a verba necessária à manutenção do nosso "Petit Trianon", bem como a dos prêmios.

Em tempo, lembrarei que o atual prédio onde se encontra a Câmara dos Vereadores, se presta muito, pelas instalações que possui. E ela, sem muita tardança, se mudará para novo edifício, mais amplo e adequado, ao mesmo tempo que a Prefeitura se instalará, na Praça João Pessoa, naturalmente que em local mais próprio e espaçoso, necessário ao perfeito funcionamento.

Dizem que numa das salas do Instituto Iguaçuano de Ensino, do sr. Leonardo Carielo de Almeida, pretendem realizar reuniões literárias, ou, se não isso, de amigos que lá conversariam sobre temas locais. Mas, se a literatura é o "sorriso da sociedade" no dizer de Afrânio Peixoto, ela deverá dominar em alguns dos temas discutidos...

Aliás, a Academia Brasileira de Letras, também surgiu desta maneira. Só que as reuniões se faziam não num colégio, mas no escritório do advogado e beletrista Rodrigo Otávio. Mais tarde, por iniciativa de Lucio de Drummond Furtado de Mendonça, no ano de 1897, 20 de julho, é que ela foi fundada. A idéia nasceu nas reuniões da "Revista Brasileira", núcleo intelectual fundado pelo eminente espírito de José Veríssimo, do mesmo modo que se pode fundar a nossa, proveniente do grupo que gira em torno do "Correio da Lavoura".

Os patronos das nossa cadeiras poderiam ser aquelas figuras retro citadas, Azeredo Coutinho, Marquês de Itanhaém, Francisco José Soares Filho, Barão de Tinguá, Bernardino Melo,

dr. Tibau, além de Silvino de Azeredo, Barros Junior, Rangel Pestana, e outros cidadãos ilustres que dão nome às ruas desta cidade, como Sebastião Herculano de Matos, que fôra um cultor das letras e cujos trabalhos podem ser reunidos, publicados e muitíssimo apreciados. Jarbas Cordeiro, com seu livro "Serpente de Sons" e outras poesias, seria então redivivo.

Frequentadores, ou melhor, acadêmicos não os haveria de faltar.

Para presidí-la — e isso é apenas um exemplo — teríamos um Leopoldo Machado Barbosa, com mais de uma dezena de livros publicados, além de professor de Português e de História. Possui o Machado no nome e conhece bem o outro Machado... de Assis. Teríamos um Heitor Pinto da Silva, com uma cultura de escol, versado no idioma pátrio, em que escreveu inúmeros poemas em prosa. Teríamos um Altair Pimenta de Moraes, com seu tão inspirado livro de poesias "Vitória de Samotrácia"; um Newton Gonçalves de Barros, emérito educador, autor de "Mansos como as pombas", com suas numerosas crônicas e poesias; um Ibicuí Tinoco de Magalhães, com sua veia poética e contos infantis, além de outros trabalhos. Rui Afrânio Peixoto e Zilmar P. Barros (Painés). Luiz de Azeredo, jornalista, com centenas de crônicas e comentários, seria outro elemento apreciado. Francisco Manoel Brandão, da linha de frente, não faltaria dentre os novos poetas, amantes desta cidade, com valiosas publicações na imprensa local, além do seu recente livro "Terra Pauxi", luxuoso, bem impresso e muito bem aceito. E inúmeros outros, como o autor de "O céu fica ali adiante", que reside em município vizinho, com as obras andando por aqui. Sonilton Campos, José A. Machado Filho...

Se, por acaso, julgassem o título Academia Iguaçuana de

Letras um pouco pedante ou pretencioso, haveria um recurso: Denominá-la-íamos Arcádia Iguaçuana de Letras.

A palavra Academia origina-se de *Academos*, herói mítico da Ática, sobre cujos domínios se estendiam os jardins frequentados pelos filósofos, origem da célebre Academia em que lecionava Platão e que ficava a seis estádios (antiga medida itinerária) da grande Atenas.

Arcádia era o nome que se dava a uma região montanhosa do centro de Peloponeso, na antiga Hélade, habitada pelos Arcades, povo de pastores, talvez descendentes dos Pélagos, a qual, na ficção dos poetas, era o país da inocência e da felicidade bucólica, residência imaginária dos pastores fiéis no amor e de uma grande pureza de costumes.

E que há melhor do que isso?

São as sugestões que apresento, para que tenhamos, realmente, dentro em pouco, uma "Nova Civilização"!

A PRIMEIRA REUNIÃO

Realizou-se, numa terça-feira, a primeira reunião da Arcádia Iguaçuana de Letras. A ela compareceram não só os integrantes da Comissão Executiva Provisória, mas ainda outros que lá foram prestigiá-la, como o prof. Newton Gonçalves de Barros, Cial Brito, Alcindo Rafael, dr. Altair Pimenta de Moraes, dr. Deoclécio Machado Filho, além dos diretores do Sindicato do Comércio Varejista.

Houve algumas decisões. Inúmeras sugestões. E até mesmo passagens de "humour", que reproduzimos aqui:

Terminada a discussão do temário apresentado pelo sr. Luiz de Azeredo, principiaram os futuros árcades a trocar idéias, algumas das quais apresentadas pelo prof. Newton de Barros, que também representava o prof. Leopoldo Machado, de atividade multívia, como prægador que é da doutrina kardecista.

Explica, então, o Newton:

— O prof. Leopoldo virá em outra oportunidade. Hoje, entretanto, estará aqui em "espírito"...

— Ah! Compreendo! — arrematou, sem querer, o Alcindo Rafael.

O outro grande ausente foi o cap. Paulino Barbosa, que sofreu desagradável acidente, com um banco, que lhe caíra sobre o pé, atingindo-lhe o grande artelho:

— Deve ter machucado o ôsso — bradou o Altair Pimenta.
— Mas isso não o impediria de vir... — disse o Cial.
— Conheço bem o Paulino — acentuou o Luiz, — jamais compareceria assim, para dizer coisas de “pé quebrado”...

Silvino Azeredo Filho, que esteve na véspera a lamentar o caso do Paulino, na redação do “Correio da Lavoura”, lembrou também a enfermidade que o colhera, a êle Silvino, quando viajava na Central.

Partira o comboio de Deodoro, e êle passando bem. Em Ricardo de Albuquerque, eis que piora assustadoramente. Em Anchieta, porém, já melhorava.

— Deve ser “mudança de estação” — lembrou o Luiz.

— Provavelmente, algum “mal passageiro” — sorriu o Altair...

E assim comentários foram surgindo sobre a primeira reunião da Arcádia, na sala do Sindicato do Comércio Varejista de Nova Iguaçu, situada no 3.º andar do Edifício Imperial, à rua 13 de Maio.

A ARCÁDIA E AS JOVENS

A Arcádia Iguaçuana de Letras, que começou a ser cantada em prosa e verso, pelos vates locais, depois dêsse dia, acabou de perpetrar um grande erro: deixou de convidar as jovens estudiosas para o seu recinto.

Lembrou-se a Arcádia, é verdade, do prof. Leopoldo Machado, poeta e historiador, dentre muitos títulos, mas não se lembrou de uma jovem sequer capaz de, com êle trocar idéias sobre o real valor de nossos vultos antepassados.

Falou-se das peregrinas qualidades pedagógicas de um Newton de Barros, mas não se levantou ao menos leve indagação da professora capaz dos mesmos milagres na campo da pesquisa. Comentou-se o brilho das solenidades com as presenças de Getúlio Moura, João Barbosa Ribeiro, Raul de Figueiredo Meireles, Zilmar P. Barros, Paulino Barbosa e outras figuras de escol no campo de inteligência, mas não se lembraram de uma única iguaçuana digna de figurar no sodalício das letras. E, entanto, aí estão as professoras Maria Lidia Braga, Hilda de Oliveira, Lilia Raunheitti, acostumadas com solenidades seguidas de longos discursos, ricos de História Pátria e de agradecimentos. Versadas até no francês, são capazes de muito, inclusive de aquilatar o valor intrínseco de nossos patronos. Pois a mulher não é somente paciente. Deus lhe concedeu também a faculdade de devassar o homem, dissecando-lhe a alma, para poder amá-lo.

E depois do casório, na cadeira da Arcádia, quem melhor para estudá-lo? Para conhecê-lo? Elas vão longe nas indagações...

E' preciso que não façamos aqui, com a mulher, a mesma injustiça da Academia Brasileira de Letras: alijá-la do recinto, permitindo-a apenas como ouvinte e convidada. Muito ao contrário, devemos estimulá-la, para que não ocorra entre nós o mesmo espetáculo do resto do mundo em que mais depressa se lhe dão prêmios pela beleza física do que mesmo pelo encanto da inteligência e da educação.

E não é preciso que divaguemos muito. Todos sabem, e até intuitivamente, da enorme injustiça que cometemos: queremos-las belas e elegantes, mas não as desejamos tão cultas quanto o deveríamos. Exigimos delas, hoje, apenas o aparato e garbo dos animais em desfile, para só lhes apreciarmos as curvas, as formas elegantes e vistosas.

Juizes delas, nós o somos. Não há negar. Mas para medí-las com fitas métricas, para aque uma polegada a menes, na cintura, lhes dê direito à riqueza e à celebridade. Por toda maneira, as incitamos para que só cuidem da plástica e bons trajes, deixando longe o primado do coração e do espírito.

A beleza física, assim, passou a ser a nova divindade, entre elas, irmã gêmea da Venus helênica, cujos amores não devem, de modo algum, ser imitados por jovem de juízo e reconhecidamente estudiosa, — evidenciando um mal que vem de longe. De tão longe que até os marxistas locais as esquecem, embora, em doutrina, alardeiem a igualdade e os direitos da mulher, em relação aos homens. Falam em ciência, alvitram a possibilidade de se estudar física, química e cinema, na Arcádia, lugar de velharias, consoante já disseram, ao subestimá-la, ao quererem

transformá-la, também. Mas das jovens iguaçuanas não se lembram, deixando a respeito delas o mesmo culto, tão antigo quanto o Velho Testamento.

Sem dúvida, tal não é o verdadeiro caminho. Como também não o é aquêle que aponta para a mulher, apenas o da beleza física, coisa que o tempo quebranta e desfigura.

Assim, lembraríamos aqui aos bons árcades, homens de talento, valorosos e sapientes, que as convidem, — as mais capazes — para a confraria, a fim de mostrar-lhes, com tôdas as veras, quão melhor lhes fará cuidar do espírito, que é, em verdade, a principal essência da pessoa humana.

A ARCÁDIA E O JORNAL

O sr. Luiz de Azeredo tem sido incansável no apoio à Arcádia que, apesar de incipiente, já conta com regular número de participantes e colaboradores.

Sobre os reais benefícios que trará às letras iguaçuanas, é coisa de que se não poderá duvidar. Depois de sua instalação, seguida das inúmeras sessões que tratarão do panegírico dos maiores vultos locais, é que se terá a prova dos ideais e dos nobres motivos que inspiram o jornal na campanha em favor de sua criação.

E não se compreenderia de outro modo.

Jornalismo e literatura são irmãos siameses, com as mesmas raízes e estrutura. Sempre viveram um do outro, de mãos dadas, de maneira duradoura, harmoniosa e feliz. Separá-los é impossível. Assim tem sido através dos tempos.

No Rio, o maior centro literário do país, a geração de Paula Ney, que foi também estudante de medicina, de Emílio de Menezes, de Olavo Bilac, de Guimarães Passos e tantos outros, deixou imitadores. E escrever nos jornais, àquele tempo, era a suprema aspiração. As revistas e jornais andavam cheios de versos e de crônicas. Constituíam o refúgio dos homens de inteligência.

Até mesmo os vultos que aqui nasceram e que hoje dão nome às vinte cadeiras da Arcádia Iguaçuana, cultivaram as letras com carinho. Joaquim Elói dos Santos Andrade, médico e

assistente de Torres Homem, foi colaborador de vários órgãos no Rio. Publicou inúmeros contos, editoriais, versos e até assuntos de História Universal, além de teses. Rangel Pestana, antes de ser grande advogado, não foi menor jornalista, como republicano. Avelino de Andrade foi escritor e teatrólogo. Do mesmo modo, atuaram o Marquês de Itanhaém, Elói Dias Teixeira, Conrado Niemeyer, — todos com a sua colaboração efetiva na imprensa. Hoje, quem desejar o pensamento vivo de tais figuras, é procurar os jornais e revistas do tempo em que viveram.

Até Manoel Reis, a quem se atribui o pecado de não ter cultivado as letras com desvelo, deixou períodos apreciáveis, com adjetivação farta e bem sensível. Ao descrever a antiga Vila de Iguaçu, assim se revela: "Iguaçu tem a sua grande página de glórias. Terra de águas límpidas e frutos saborosos, de clima suavíssimo, de sólo fértil e exuberante, berço de grandes figuras da nacionalidade, povo civilizado e laborioso, teve esplendor incomparável". E o seu livro "A Gaivota" não é obra de que se envergonhe o autor. Há bons pensamentos e preocupações de finura.

Aliás, na história das nações, não há movimento social de alguma importância sem a participação verdadeira das letras e da imprensa. Pois tem ela constituído, desde que Guttenberg a criou, uma função pública decisiva, tornando-se, justamente com as nossas forças constitucionais, a sentinela dos brios nacionais, a preservadora dos nossos costumes e tradições, a vanguarda das aspirações coletivas.

E' bem verdade, Nova Iguaçu, pelo aprêço de muitos à literatura, não pode ainda sustentar jornais diários, pela triste prevenção de que os que escrevem são metidos a "sabidos"...

Mas dia virá em que o respeito ao trabalho e dedicação ao estudo haverão de tornar o órgão local tão lido e difundido quanto o merece, pela justa preocupação de se colocar a literatura no lugar que lhe cabe, como instrumento de educação, de elevação da alma, como meio de desviar o homem do vício e conduzi-lo à virtude.

Nessa ocasião, a Arcádia e o jornal apresentar-se-ão ainda mais estreitados, por haverem nascido sob o mesmo signo.

A ARCÁDIA E O DEPUTADO

Merece contada aqui, também, para conhecimento dos leitores, a simpática atuação do deputado Getúlio Moura, no que toca ao desenvolvimento da Arcádia, iniciativa como estão vendo, cem por cento local, e que visa a difundir o conhecimento dos grandes valores iguaçuanos.

E o seu apoio não tem sido somente moral, ao aceitar a cadeira que lhe fôra oferecida por merecimento, mas ainda por conseguir a sala onde ela possa funcionar condignamente, dentro do programa traçado.

Enquanto outros se envolvem em emaranhados administrativos, vendo somente as dificuldades que poderão surgir, o dr. Getúlio, com boa vontade e civismo, procura cortar o nó górdio que lhe fecha as portas.

Quando se trata de iniciativa local, não há para êle fantasmas, duendes ou lêmures que possam impedir o atingimento do objetivo. Como sóbrio espartano, vence os problemas mais duros graças, principalmente, ao escudo que traz no peito e que lhe fôra dado pelos iguaçuanos.

E as provas se repetem. Ainda há pouco, além de ter lembrado a sala do Forum Itabaiana como a que mais condiz com a natureza da iniciativa, e de recordar que a Academia Fluminense de Letras funciona no Edifício da Biblioteca Municipal, prometeu dentro das possibilidades e junto ao Legislativo local a obtenção de uma verba de auxílio. E nessa fase de organiza-

ção por que passa a novel entidade, nada mais justo que tão auspiciosa notícia. E' que não está agindo, no caso, o político. Mas o amigo da terra, sempre desejoso de seu progresso.

E o Poder Legislativo, com toda a certeza, não deixará de reconhecer tal necessidade, bem como a de resguardar os padrões literários, incorporando-os ao patrimônio cultural da Pátria. Há um dever premente, por parte dos poderes públicos, de preservar e divulgar determinadas obras, tal com se faz em relação a certos monumentos históricos e edifícios artísticos, de Ouro Preto, por exemplo.

Assim como a nação chama a si as obras completas de Rui Barbosa, Machado de Assis e Barão do Rio Branco, também devem incorporar-se à história de nosso Município as vidas do Marquês de Itanhaém, de Rangel Pestana, Jacob Niemeyer, Bernardino Melo, Pereira da Silva e tantos outros.

No momento em que as mais absurdas lições ameaçam subverter a riqueza literária de nosso país e, envenenando o espírito dos moços, procuram desviá-los do caminho da linguagem, que clareia e desenvolve a inteligência, nada mais justo que aquela idéia do deputado, junto ao Legislativo local.

As letras, assim como a ciência, não podem constituir objeto de má especulação, tal como se faz à batata doce, ao aipim, à banana de S. Tomé, de que cada um diz o que quer.

Os interesses superiores da cultura exigem não só a boa vontade, mas ainda a colaboração de todos. E ao poder público cabe o dever de incentivá-los e resguardá-los das contaminações.

Dêsse modo, a atitude do deputado nos dá a idéia de sua grande clarividência.

Ao lado das razões que mandam preservar as nossas tradições, há evidentemente fatores de ordem cívica e intelectual, com os naturais benefícios que poderão advir para a mocidade que desponta.

E não poderia ser de outra maneira, uma vez que os próprios Evangelhos ensinam que a luz não se deve pôr em baixo, no recipiente, mas em cima, para que todos gozem e com ela se aqueçam e alumiem.

A PREFEITURA E AS LETRAS

E a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, já que sangue novo lhe corre nas veias, ao ensejo das homenagens que foram prestadas ao prefeito Ari Schiavo, pelo transcurso de seu aniversário natalício, deve cuidar de certas publicações. Referimo-nos a um histórico completo dos bairros, ruas e logradouros públicos, desta cidade.

Agora que a Arcádia Iguaçuana de Letras cogita da divulgação de preciosos volumes sobre os antepassados ilustres que aqui nasceram e são seus patronos, nada mais justo que a preocupação de um trabalho com a biografia das escolas, ruas, praças e demais logradouros, por onde passamos a todo instante, na luta diuturna em que desgastamos músculos, cérebro e nervos. Seria a providência útil entrosamento entre o dinamismo que se verifica no Executivo e a boa vontade, o conhecimento e o espírito de colaboração dos arcades, a benefício da população, que não tem onde encontrar o material para conhecer a vida de sua própria cidade, principalmente os que aqui nasceram. Eis uma das iniciativas que se impõem no momento, e que deve ser tomada pelo sr. Ari Schiavo em favor dos locais. Porque Nova Iguaçu, como todo e qualquer centro, populoso, com ginásios, hospitais, correio, telégrafo, onde vivem milhares de pessoas, com problemas sociais e econômicos, tem de possuir o estudo de sua origem e progresso.

A Praça da Liberdade, de hoje, por exemplo, primitivamente chamava-se Ministro Seabra, ao tempo de Manoel Reis. Um grupo de idealistas, porém, a cuja frente se encontrava o deputado federal Getúlio Moura, trocou-lhe o nome. Denominou-a Praça 14 de Dezembro, como marco de um movimento que organizou, dentro dos ideais que o animavam àquela tempo. Não discutiremos as razões.

A rua Bernardino Melo encerra a vida de um homem que deu tudo o que tinha e até a própria vida, por amor desta cidade. Deu dinheiro, trabalho e saúde para vê-la crescer como se encontra hoje. De rico que era, morreu pobre e tuberculoso. Até lista houve, para aquisição de uma cadeira, em que pudesse repousar nos seus últimos dias. Felizmente, os iguaçuanos de seu tempo reconheceram-lhe os esforços e ideais, principalmente no lento caminhar da residência à sepultura onde descansa. Todos lhe queriam segurar o caixão. Até a pobreza descalça lhe foi depositar lírios sobre o túmulo. Assim nos contou o cap. Paulino Barbosa.

A rua Barros Júnior é a longa história de seu sôgro, com toda a amizade que contém. Homem de projeção, como também o foi Lopes Trovão, abolicionista de grandes recursos.

Dr. Tibau foi antigo clínico, professor de medicina aqui residente há muitos anos. Rangel Pestana, brasileiro ilustre, cujo nome batiza enorme grupo escolar local, aqui nasceu. Muitos ignoram o fato, assim como as vidas de Alfredo Soares, Floresta de Miranda, Antônio Carlos, Nilo Peçanha e muitos outros que emprestam nome às nossas escolas municipais, como: Prof. Pariz, Silvino de Azeredo, Paulino de Sousa, Barão de Mesquita, Elói Teixeira, Andrade Araujo, Monsenhor Pizarro e Antônio da Silva Chaves.

A soma de tais biografias seria a história completa desta cidade, coração do Estado do Rio e metrópole do porvir. Seria essa uma providência útil do sr. Ari Schiavo, que acaba de ser homenageado pelos seus amigos, e que elevaria não só o seu próprio conceito, mas ainda o da cidade que administra, como centro civilizado e de grandes avanços.

PROGRESSO E MUNICIPALIDADE

Nova Iguaçu nunca estêve como agora, tão fervilhante de gente, tão movimentada de veículos e tão limpa! Agradável era de ver a praça Ministro Seabra, semana passada! Cheia de bancos, oferecidos pelas casas comerciais desta cidade, a título de colaboração, e sem uma ramagem ou pedaço de papel que pudesse atestar desleixo ou falta de asseio! Parecia uma destas grandes cidades do mundo, cuja população, por compreender o elevado sentido de colaborar com os poderes públicos, se valia apenas das cestas. No chão, nada! Apenas a limpeza que devia reinar, como documento vivo do grau de civilização. Magnífico!

Urge, agora, depois disso, abrir ruas, melhorar-lhes a iluminação, aproveitar nossa beleza natural, aumentar a água, já que sangue jovem circula nas veias da atual administração. E tudo indica que marchamos para o máximo aproveitamento urbanístico daquilo que possuímos de melhor...

Já não somos, apenas, Natureza e Poesia: também somos Arte, também somos Engenharia.

Viadutos, praças, estradas, tudo limpo e conservado como tem estado, virá melhorar o sistema circulatório de um organismo ameaçando de empêro pela artério-esclerose colonial, e que — mercê de Deus — parece estar destinada a atingir a

mais bela fase de toda a sua fascinante vida, desde a sua deslumbrante e apoteótica juventude maxambombense!

As luzes multicôres dos estabelecimentos particulares já encantam as fachadas. Começou pela claridade multicolor do Elite, cujos negócios aumentam dia a dia, através do belo anúncio e moderna propaganda. O Cine Verde se reforma, para ampliar-se, ao mesmo tempo que o Cine Iguaçu, acompanhando o ritmo de progresso da cidade, já possui o Cinema Scope, verdadeiro milagre de som e de luz.

As portarias das casas comerciais ostentam mostruários ricos e tentadores, da mesma maneira que as grandes congêneres do Rio. Os ônibus — que vão a Queimados e à Praça Mauá; a Nilópolis, Cascadura, Méier ou Candelária — grandes como composições ferroviárias, correm deslocando o ar, fazendo ruído, seguindo o vertiginoso progresso.

Como na Babilônia antiga ou em Roma dos Césares, dia a dia a cidade apresenta novos melhoramentos. O centro opulenta-se com novas construções, novas confeitarias, perfumarias, livrarias, farmácias, bares, restaurantes, açougues, que indicam a variedade de negócios e a multiplicação de lucros. E há bancos públicos para tudo se apreciar.

Possuimos, já, a Arcádia Iguaçuana, bem instalada.

Apesar do aumento de impostos de que se queixam os contribuintes em geral, os devotos de Mercúrio nesta cidade fazem barganhas lucrativas e engordam. Muito mais que os funcionários que os cobram, seus compulsórios fregueses.

E assim a Prefeitura vai indo. E a cidade a acompanha no progresso, inclusive das letras...

Colrando a uns, para pagar a outros, segue a sua marcha inexorável sempre ligada ao adiantamento de nossa urbe, cada vez mais acentuado, ciclópico, vertiginoso, como só ultimamente temos podido presenciar.

A PREFEITURA E A ARCÁDIA

O festejado aniversário da Arcádia Iguaçuana de Letras e seqüentes comemorações oferecem pretexto a novas considerações sobre o problema do livro entre nós. Que fez a Prefeitura pela disseminação da cultura, através dêsse grande veículo que é o livro? Pouco, aliás, não por culpa da atual administração. E' mal que vem de longe, pelo descaso de nossas autoridades, desejosas de fazer apenas política, deixando o escolar iguaçuano sem o que lhe poderia estimular os estudos e conhecimentos.

E a Arcádia, que muito desejaria realizar, a benefício da juventude iguaçuana, cada vez mais carente de obras, principalmente de assuntos locais e mesmo gerais, como o fechamento de livrarias, pouco conseguirá obter pelos recursos de que dispõe. E' uma organização incipiente, sem fundos apreciáveis, até há pouco desengrenada com os poderes públicos, pela falta de compreensão da parte dos que poderiam prestigiá-la e mesmo favorecerê-la. Mas ela, apesar da má vontade dos que dela não participam, é a casa dos escritores e estudiosos iguaçuanos. E, como tal, tem de propugnar real e ativamente pelo problema do livro. Ou, então, limitar-se, apenas, ao ritual de suas comemorações, o que, por certo, não a levaria muito adiante.

Para mostrar o interêsse que a alta magistratura vem demonstrando no magno problema do livro, diremos que o sr.

presidente da República assinou um decreto que revigora uma lei anterior, dando objetividade ao assunto. As publicações oficiais da Academia Brasileira de Letras e as obras por ela escolhidas serão realizadas pela Imprensa Nacional. E contarão, para sua distribuição em todo o país, com o concurso valioso do Instituto Nacional do Livro. Como é sabido, constitui tarefa dêsse Instituto suprir algumas centenas de bibliotecas públicas e semi-públicas, espalhadas pelo Brasil a fora. Costuma adquirir livros para êsse fim. Edita alguns. Terá, agora, a autoridade das seleções e edições da própria Academia para os seus envios a bibliotecas e a outros núcleos.

Disporá a Academia livremente da outra metade de cada edição, com que promoverá o seu intercâmbio com entidades literárias e culturais.

Como a Arcádia e a Prefeitura não dispõem ainda de meios seguros para o desenvolvimento e a disseminação de conhecimentos, nos moldes proporcionados à Academia Brasileira de Letras pelo decreto presidencial, sugeria ao sr. Prefeito local, possuidor de boas intenções, a criação de uma imprensa Municipal, inédita entre nós.

Com a sua criação teríamos não só apreciável economia, com o corte de grande número de publicações pagas, mas ainda a divulgação de todos os trabalhos sobre os grandes iguaçuanos, além da impressão de livros escolares para os nossos colegiais, livros que, pela sua venda, poderiam também aumentar o numerário da Municipalidade, sempre necessitada de fundos para as suas obras.

Sem se manter exclusivamente dos impostos, teríamos um Executivo entronizado com o maior centro de cultura local — A Arcádia, — que, por sua vez, forneceria os elementos para a

impressão dos melhores trabalhos para os locais, e a preços acessíveis, aliando-se ao grande incentivo e oportunidade que trariam ao desenvolvimento mental de nossa gente.

Tal iniciativa não seria apenas valiosa, mas assumiria uma significação maior: A Arcádia e a Municipalidade passariam a dispor de uma gráfica, para a publicação do que quisessem, sem os incômodos da propriedade particular, além dos benefícios que podem ser previstos com tal criação.

O PREFEITO E O LIVRO

Em páginas anteriores, falei sobre dois importantes empreendimentos a serem realizados pelo prefeito municipal, quais sejam: a construção do edifício próprio do Ginásio Monteiro Lobato, e o em que funcionará a Biblioteca Municipal. Duas obras importantíssimas, ligadas ao problema da instrução e da educação, cujo início não seria serôdio — fazia sentir a referida publicação.

Como era natural, nos alegramos, apesar de o edifício da Biblioteca Municipal constituir projeto antigo, cujos desenhos devem ser encontrados em uma das gavetas da Prefeitura desta cidade. O deputado Getúlio Moura, em palestra conosco, não faz muito tempo, tal nos afirmou, por constituir a Biblioteca uma de suas preocupações, ao tempo de prefeito dêste Município, objetivo que só não se concretizou em virtude de seu afastamento à frente do executivo.

De qualquer maneira, porém, levará a melhor quem o iniciar, visto como o livro é o melhor elemento para a disseminação da cultura.

E quem observá-los atentamente — pois estamos falando de livros — notará que nenhuma civilização foi mais proveitosa à Humanidade do que, por exemplo, a Egípcia, precisamente porque os seus sábios provaram nos livros os resultados de sua ciência. Quem quer que os folheie, encontrará.

mesmo ao tempo das dinastias faraônicas, a arquitetura em famosos lagos, como o Moeris, o episódio das pirâmides, juntamente com a ciência que as envolve, em cujos mistérios se esconde a distância da terra ao sol, pela altura de seus vértices, bem como o segredo do embalsamamento em que os egípcios foram peritos. E, segundo os pesquisadores, o mundo sofre as consequências da destruição da biblioteca de Alexandria, ignora os progressos da agricultura às margens do Nilo...

E as profissões, quaisquer que elas sejam, só com os livros conseguem progredir. A Medicina, a Astronomia, a Matemática ou mesmo a História.

Sem o compêndio, como saber quem foi Péricles? Quem foi Augusto? Como pensava Marco Aurélio, o estóico? Quem foi Sócrates, Epicuro, São Tomás de Aquino, Bacon, Schopenhauer, Emerson, Spencer, Santayana, tão bem esclarecidos com recente publicação?

Como saber quem foi Eça de Queiroz, Camilo, Machado de Assis, Mário Barreto, Afrânio Peixoto, ou Rui Barbosa?

A leitura, assim, não se torna somente uma necessidade social, como a disciplina e a ordem. É mais do que isso. Sem ela, o espírito se aniquila e o pensamento desce a ponto de comprometer toda uma nação.

Os Estados Unidos, por exemplo, se muito progrediu, não deve só ao petróleo, mas à existência de 20 000 escolas secundárias gratuitas que lá existem, além de numerosas Universidades e gigantescas bibliotecas. Se o seu capitalismo aniquila as pequenas nações, tornando-as submissas, muitos lá existem revoltados contra isso, como os daqui. Porque onde há livros, há também compreensão.

A ninguém, portanto, cabe desconhecer o mal que decorre da ignorância e das trevas, bem como a influência decisiva da instrução no destino dos povos.

Assim, andarão muito bem o prefeito construindo o Ginásio e a Biblioteca.

Livros, livros, já os cantava em versos Castro Alves, o maior de nossos poetas, — bendito é aquele que o semeia, e faz o povo pensar! O livro caindo na alma, é germe que faz a palma, é chuva que faz o mar! Versos que o prefeito pode aproveitar e gravá-los no pórtico de sua obra.

A VELHA E A NOVA IGUAÇU

As cidades, às vezes, são como os indivíduos: nascem, vivem, crescem e morrem, — deixando atrás de si apenas um nome, como aconteceu entre nós com a velha Iguaçu, hoje só existente em nossa saúde.

Que é feito de Tebas, de Siracusa, metrópoles que fascinaram a imaginação dos povos e das quais só nos resta, no mapa, o ponto negro — que é a morte delas e dos vastos Impérios que representavam? Onde é que se localiza Cartago, cujos últimos vestígios só os pude ver na tela do Cine Iguaçu? Essa mesma Cartago que desafiou o poderio de Roma e se extinguiu em poucos dias, submergida nas trevas da derrota e da morte.

Iguaçu, tão jovem que ainda não tem dois séculos, nasceu à beira de uma praia e à margem de um rio de que quase não se tem notícia. E é cidade de ontem, pode-se dizer, embora seus filhos mais ilustres já lhe cultuem o passado e reverenciem seus descendentes. Porque também já lhe caiu o esplendor. E, como aquelas cidades antigas, dorme o seu sono de morte sob as águas que a cobriram. Como vestígios, hoje, só lhe restam a História e uma Arcádia de Letras, a estudá-la em extensão e grandeza.

Nasceu a velha Iguaçu da mansidão das águas fluviais que a banhavam. E tal como a fama de Atenas, se espalhou pelos rincões fluminenses, não só pela riqueza do solo, senão ainda pela inteligência de seus homens. Iguaçuanos havia-os até fun-

dadores da Academia Brasileira de Letras, assim como médicos e engenheiros ilustres. Dêsse modo, mais bela que a mulher de Menelau espraçou-se pela Velha Província, dando curso não apenas à cupidez do homem, mas também, hodiernamente, aos que gostam de sulcar o oceano da inteligência, em busca de tesouros...

Lembro-me disto sempre que leio os cronistas preocupados de sua história.

E dois séculos, para uma tão próspera urbe, é pouco mais que a meninice, principalmente se considerarmos que Paris celebrou, há seis anos, o seu bimilênio. E Roma caminha para o seu terceiro milênio. Assim, a Nova Iguaçu, para onde se transferiu a velha Iguaçu, é ainda brotinho. Hoje, com tudo o que dela dizem, não passa de menina-moça, muito sujeita às influências dêsse "rock'n roll" político que vai pelas câmaras...

Mas dia virá em que alcançará sua maturidade. E, graças ao amor e à inteligência de muitos de seus filhos, alcançará seu período de juízo, de meditação e de progresso.

Até lá, porém, calcemo-la e arborizemo-la convenientemente dando-lhe muita limpeza e ordem. Eliminemos os mosquitos. Construamos uma piscina pública, já que perdemos o mar, onde nasceu a cidade-mater. Trabalhemos pelo ginásio e, se possível, por escolas superiores de Agronomia, de Letras e de Economia. Porque uma cidade é como uma mulher: queremo-la enfeitada com flôres e jardins, sobretudo jardins para que ela se prepare donairosa para o seu aniversário — feliz como uma noiva, sem a história triste das cidades que morreram deixando apenas saudades...

O ROMANCE DAS RUAS

Embora o Município seja grande, hoje dividido, a cidade propriamente dita não é das maiores.

Estende-se, é verdade, dia a dia, com possibilidade de tornar-se enorme centro, ombrear-se com Meier ou Madureira de hoje, pelo entroncamento de linhas que oferece, onde milhares de passageiros, em verdadeiro borborinho, embarcam e desembarcam, procurando suas conduções. De José Bulhões, Posse, Tinguá, Três Corações, todos aqui vêm ter, passear e fazer suas compras. Comparecer a Nova Iguaçu, para eles, é tomar contacto com grande lugar, onde os estabelecimentos comerciais são bem sortidos, os cavalheiros se engravatam e as damas se empoam...

E os daqui os recebem, dando cada um o que tem, deixando mesmo que todos se expandam e aproveitem o que a cidade lhes pode oferecer.

O que Nova Iguaçu possui em história e tradição, isso não lhes transmitem. Nem o visitante sente, porque a atenção de todos volta-se para a estética material das coisas.

Entretanto, muito melhor seria a sua impressão se, juntamente com a beleza citadina, se aliasse um pouco de história, se contasse a cada um dos recém-chegados a vida de nossos antepassados, o romance que vive em cada uma de nossas ruas. A história dos homens que aqui atuaram, como Bernardino Melo,

cuja fortuna, colossal, se dilapidou nos entevêros políticos, ficando dêle sòmente o nome, os filhos e netos que ainda vivem. Como o dr. Tibau, médico dos mais eminentes, professor de física no magistério superior. Como Nilo Peçanha, fluminense ilustre, cuja atuação em primevos tempos até hoje se faz sentir, pela proficuidade de sua atuação. Como Lopes Trovão, — grande tribuno, porque o era realmente, e pelos seus um e noventa de altura, abolicionista ardoroso e republicano convicto!

Se por exemplo, colhêssemos de uma de nossas esquinas a placa denominativa da rua e em torno dela desfiássemos uma história, ou mesmo um romance, como o teve Barros Junior, quanta impressão diferente levaria daqui o curioso forasteiro!

De cada um, teceríamos os fatos que os immortalizaram, como por exemplo, a caricatura de Lopes Trovão, como no-la dá Bastos Tigre:

Advogado dos mais competentes e ilustres, com grande acêrvo de conhecimentos, divagava pela literatura, fazendo da oratória o ponto alto de sua inteligência. Amigo de Bilac e Emílio de Menezes, todos lhe reconheciam o estilo sublime (dizia até Bilac que o cachimbo oratório lhe deixara a boca torta). Quando falava, não era só o entusiasmo que empolgava, mas a sábia doutrinação que a todos convertia.

Emílio de Menezes, seu coevo, a tudo assistia. Não só o ouvia com prazer; mas o acompanhava em muitas excursões. E conta, então, de Trovão uma perfídia:

Achava-se o orador em Paraiba do Sul, no sítio de um parente, quando, certa manhã, saindo a passeio por uma das margens do rio, quis passar para a outra.

Vendo um preto sentado numa pequena canoa, aproxima-se e interpela-o no tom tribunício que usava:

— “Quanto queres, em vil pecúnia, ó tu, barqueiro núbio, para me trasladar em teu frágil batel, desta a outra margem?”

O preto, depois de olhá-lo espantado, desata enorme gargalhada.

Trovão, austero, impertiga-se. E depois de assestar na órbita o inseparável monóculo, invectiva tonitroante:

— “Insultas-me com o teu sinistro gargalhar? Se é por ignorância crassa, “transit”. Mas se intencional é a tua afronta, eu, dr. José Lopes da Silva Trovão, com êste meu republicano cajo, presto reduzir-te-ei a pó, a cinza, a nada!”

E o canoeiro que a tudo ouvia, levanta-se. Desabala em vertiginosa carreira, sumindo no pó escuro da estrada.

*E correu tanto o crioulo,
Presa de enorme emoção,
Que até hoje não se sabe,
Em que parte do rincão
Foi sôzinho êle parar,
Colher um pouco de ar
Com mêdo dêsse Trovão
Que aqui em Nova Iguaçu,
Descansa na paz da rua,
Sem que muita gente saiba,
Que exemplo de vida: a sua,
Que os moços devem imitar
E no coração guardar,
Pela fôrça com que atua!*

RUAS IGUAÇUANAS

Conforme acentuámos no trabalho anterior, intitulado "O Romance das Ruas", em que destacámos a figura do republicano Lopes Trovão, -- os nomes das ruas e praças de uma cidade, como Nova Iguaçu, que cresce dia a dia, devem ser bem adequados, pela acentuada importância psicológica, assim para os moradores como para os visitantes.

Uma travessa chamada Cabeço, não sabemos de quem, sinónimo também de outeiro ou cume, que lá não existe; ou mesmo uma rua chamada Vista Alegre, sem a paisagem sequer da rua Paulo de Frontin, onde Murilo Costa escolheu para morar e contemplar o panorama desta cidade, — provocam sensação esquisita nos que buscamos a coerência.

A antinomia entre as coisas pode causar uma certa surpresa e desaprovação, levando-nos ao desencantamento.

Por exemplo, se uma rua se chama da Concórdia, não serve nem para as partidas de futebol do Iguaçu. Ser-lhe-á mais própria a nova sede do clube, onde haverá congraçamento de familiares, paz e, como o próprio nome o diz, beleza e harmonia nos salões... Nada de pelepas duras ou competições rivais...

A Praça da Liberdade não serve para os discursos políticos onde os excessos têm criado rixas e muitas dissensões. A liberdade, ali, não conhece limites e a censura não encontra peias...

E' o lugar onde se xinga e se incrimina, num adeus à liberdade... dos outros.

Na rua do Encanamento há pouca água. Amiúde seus moradores se queixam de tal ironia. A distância em que se coloca a rua tem turvado a visão dos administradores, que olvidam a canalização...

E assim das demais.

Os nomes das tabuletas azuis devem andar de acôrdo com as mesmas e a psicologia de seus moradores.

Melhor andarão nossas autoridades municipais se imitarem certa cidade de Goiás, recém-fundada — Rubiataba — cujas ruas só possuem nomes adequados e encantadores. As praças, por exemplo, têm os nomes dos troncos que vão aos céus, das palmeiras nativas como babaçu e jussara que, indo às nuvens, se abrem para a lua...

Aqui em Nova Iguaçu uma avenida chamada das Laranjeiras, em cuja sombra se possa sentir a própria terra, é muito mais doce evocar-se que o chapéu de um dêsses coronelões antigos, mas estranhos para nós...

Uma rua dos Oitizeiros é muito mais doce e tem muito mais prestígio oloroso do que a travessa Vai e Vem, na qual a gente vai e depois vem, porque não há nada o que ver, nem o que sentir...

E como é justo que as cidades lembrem as suas produções, a sua história e os seus heróis, justifica-se a rua Bernardino Melo, a Alfredo Soares e até outras que possam recordar a perna quebrada do antigo morador cap. Gaspar... pois, como sabem, a terra se compõe dos homens que nela vivem.

Se o Arco do Triunfo^{*} lembra Napoleão e o Trafalgar Square lembra Nelson, na maior das homenagens, nossas ruas haverão de lembrar nossos vultos e peculiaridades.

Se Nova Iguaçu produz e tem riqueza própria, que exaltemos o que é seu!

Por isso, vale ser meditado o exemplo daquela cidade do interior de Goiás.

A praça onde os jovens se encontram, não deve mostrar a fisionomia severa dos homens, nem nomes que evoquem estranhos acontecimentos. Antes, deve apresentar os de nossos heróis, dos que aqui pelejaram, ou então a carícia suave de nossos pomos e flores, mais adequados às inspirações do coração e aos encantos de nossalma...

NÃO EXISTEM ÁRCADES CARECAS...

Numa cidade grande, desenvolvida, quem não conta com barbeiro certo para o cabelo e barba? Variemos de assunto.

E assim como a maioria, dispomos também do nosso, numa das ruas principais, agora bastante satisfeito com nova pintura azul de seu salão, onde os canários belgas que coleciona triunam pela manhã, a cada freguês que chega. O espetáculo é belo.

A última vez que lá estivemos, foi cheia de preocupações para o fígaro iguaçuano, porque, dentro do programa que se traçou, de atender e satisfazer a todos, uma coisa o detinha: — a calvície de certos fregueses. Problema insolúvel para êle, apesar da boa vontade junto aos que o solicitam.

Não haveria uma solução? Não existiria na praça remédio ou loção que desse jeito, para que pudesse arregimentar o grande número de carecas que aqui residem? Era o problema.

Contamos-lhe, então, que a calvície é uma afecção que tem desafiado os médicos e especialistas do mundo inteiro, desde Hipócrates até nossos dias. Ela é, ao que parece, como o diabete e o câncer, uma doença da civilização. Basta atentarmos para o fato de os nossos selvícolas serem cabeludos, para termos imediatamente uma certeza, indício ou pista ao mesmo tempo.

Aliás, uma ciência chamada genética considera a hereditariedade como a principal responsável; quer dizer que os carecas de hoje são, sobretudo, herdeiros de outros carecas.

O mal maior, porém, a nosso ver, provém da civilização de hoje, pois já houve o tempo das majestosas cabeleiras, principalmente entre os grandes homens, professores, médicos e escritores.

Entre os poetas, Castro Alves foi bem um exemplo, e disse-se orgulhava nos deâmbulos em que fazia tremer os pais de família, tal a beleza do porte. Fagundes Varela, Olavo Bilac e Gonçalves Dias, entre nós, foram outros casos, assim como Tolstoi, Walt Whitman, Guerra Junqueiro e tantos outros de terra estranha. Poetas e santos nunca os vi lisos. E se os havia, as gravuras não os mostravam, pois sempre houve certa relação entre os cabelos e a inspiração dos homens, de que é prova exuberante nosso passado literário, em que todos os vultos eram mais ou menos bem penteados.

Durante a fase romântica da poesia, as cabeleiras chegaram a ser quase exageradas, hastas e farfalhantes. E mesmo em outros períodos. O classicismo, em que dominou Basílio, Durão e Gonzaga, não apresenta carecas. O romantismo com os indianistas Gonçalves Dias e Alencar; o condoreirismo (Victor Hugo, Castro Alves) e o comtismo (Sílvio Romero) também não. O parnasianismo com Bilac, Machado de Assis, Alberto de Oliveira, *idem*.

O modernismo com Aloísio Azevedo, Julio Ribeiro e Alves de Azevedo; o simbolismo com Cruz e Sousa, Nestor Vitor, Graça Aranha; e mesmo o néo-romantismo com Raul Pompéia, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, etc., não nos fornecem exemplos ou fotografias de vates sofrendo de alopecia. Muito ao contrário, o que elas nos mostram são seus rostos satisfeitos e orgulhosos dos longos, fios e sedosos.

Para nós, o abuso de perfumes, de par com os excessos sociais, são os maiores responsáveis pelos últimos abencerragens das calvas de hoje. O uso do chapéu e a preocupação do dinheiro completam a derrancada dos cabelos.

E basta olharmos para o homem da caverna, simples, desambicioso, a viver para o seu sustento e o da família, sem chapéu nem loção, para termos a certeza plena.

Assim, o barbeiro a que aludimos no início se encontrará em palpos de aranha, para satisfazer a alguns de seus fregueses. A não ser que lhes dêem livros e poesias para ler. Porque, tornando-os eruditos, escritores ou poetas, fá-los-á volverem ao tempo dos nossos maiores, em que as cabeleiras eram fartas, como o foram as de Castro Alves e Guerra Junqueiro, pelo mistério da inspiração. Reparem que não existem árcades carecas.

TERRA DOS LARANJAIS

Se a Arcádia não quiser que Nova Iguaçu seja tragada pela voragem do progresso que arrasta do Distrito Federal, não só as gentes como as fronteiras e costumes, terá de trabalhar muito pelo que é nosso, conservar todos os regionalismos e peculiaridades que aqui existem e que fazem de Nova Iguaçu uma cidade fluminense com sua população de hábitos definidos.

Do contrário, daqui a alguns anos, nada mais existirá. A Rodovia Presidente Dutra, bem como a Central do Brasil, terão trazido para aqui pedaços do Rio de Janeiro e, quando daqui sairmos e formos para outro local, chamar-nos-ão de cariocas, por tudo o que exibirmos.

Assim, para que tal não aconteça, terá de mostrar-se conservadora, nesse ponto. Se a "Terra" é conhecida como "dos laranjais", assim deverá preservá-la, inclusive nas referências a estranhos, para que perdure. Tal como fazem as companhias de ônibus, assim deverá proceder. Nas menores referências, mencionar nosso principal produto e, se possível, desenhá-lo, até.

Porque, ainda que os loteamentos acabem para sempre com o encanto dos pomares, nossa única poesia, permanecerá a história de Nova Iguaçu como tantas outras que correm para sempre por este Brasil.

O Amazonas, por exemplo, para todo o sempre será o "Inferno Verde" de Alberto Rangel, assim como o Pará é a "Terra do Assaí", embora nele haja outras coisas ricas e graciosas.

O Maranhão nobilita-se com o título de "Atenas Brasileira", que Viriato Correia substitui por "apenas brasileiro", para lembrar a invasão alienígena de outrora, que fundou S. Luís.

O Piauí, segundo uma velha cantiga, quando morre um boi no nordeste, manda-se buscar outro (ó maninha), lá no Piauí...

O Ceará é a "Terra de Sol" do sr. Gustavo Barroso, ou "Terra de Iracema" do sr. José de Alencar.

O Rio Grande do Norte é a "Terra Potiguar".

A Paraíba é a "Terra dos Valentes", de povo destemido.

Pernambuco é a "Mauricéia" de alguns oradores cívicos. Porém é muito conhecido pela beleza de sua capital, Recife, alcunhada de "Veneza Americana".

Alagoas orgulha-se com o título belicoso de a "Terra dos Marechais", que os invejosos trocam pelo de "Terra dos Sururus".

Sergipe, pela sua literatura e intelectuais, é chamada a "Terra de Tobias".

A Bahia é o "Ninho" de Águias" de Ivolino de Vasconcelos, a "Terra do Vatapá" e de tantas outras denominações que caracterizam sua extravagante cozinha... Tirante as "baianadas", tudo lá é bom, inclusive os apelidos...

O Espírito Santo é a "Terra Capixaba".

O Rio de Janeiro é a "Cidade Maravilhosa", cheia de encantos mil...

São Paulo é a "Terra dos Bandeirantes", é a "Terra Rôxa" do café.

Paraná é tão justamente chamada a "Terra dos Pinheirais".

Santa Catarina, não sabemos por que, é conhecida como a "Terra dos barriga-verdes", embora o solo seja vermelho vivo...

O Rio Grande do Sul é a "Terra Gaucha", do chimarrão e do churrasco.

Minas tem as "alterosas montanhas", como também nós, da "velha província", temos muitas goiabas, que brotam como pipocas em nosso solo.

Por conseguinte, há carradas de razão para insistirmos nêsse batismo de Nova Iguaçu, como a "Terra dos laranjais", que além da vantagem de torná-la cada vez mais conhecida e peculiar, terá a sua autonomasia, tão necessária à vida dos filólogos toponímicos, que fazem o estudo linguístico ou histórico da origem dos nomes de lugar.

CINEMA E ARCÁDIA

Dessa vez, o assunto versava sobre cinema, enquanto o lotação devorava o longo curso da Rodovia Presidente Dutra. O motorista ia atento às manobras e aos perigos, mas as duas almas não se continham ante o entusiasmo despertado pela última película de Doris Day, projetada no Cinemascope do sr. Vaz Teixeira. Enquanto o sr. Marques Rolo vinha com seu "Buick" a apreciar alegre a fêria do veículo, e o chofer mais preocupado ainda com o volume de carros à frente, aquelas almas cada vez mais se expandiam nos ditirambos ao último technicolor! Que cenários! Que vestidos! Que canções!

Deus nos livre que alguém chegasse ali para falar sobre a Arcádia em que se pretende biografar mais um vulto, em solenidade. Ou mesmo do movimento que se realiza em favor da criança iguaçuana, durante o Natal! Velharias! Inutilidades! Que cada um trate de si!

Mas o cinema sim, ali era tudo. Distração para os olhos e festa para o coração. A maior conquista do século. Dêle sabiam demais. Desde a vida do galã, com todos os pormenores, vivendo como vive lá, na América do Norte, até o gasto da película, no decorrer da filmagem. Grande era a cultura fílmica. Com tantos conhecimentos especializados certamente deviam ignorar a vida, a obra, o valor de todos os homens que davam nome às estradas por onde passavam, e que tanto ofereceram de si, a benefício da terra em que viviam.

Esse, aliás, o grande mal de alguns iguaçuanos. Menosprezam o que é seu, em proveito de estranhos. Também preferem a vida fantasiosa, que não constrói, como o caso do cinema a que aludimos, sem procurar, sequer, repor as qualidades do espírito e do coração no lugar que elas sempre devem ocupar na História, na vida do Município. Sem prestigiarem, como deveriam, iniciativas que visam ao progresso local. Tal é a responsabilidade que há-de pesar em alguns dos ombros. Tão grande erro é desprezar as distrações, como esquecer a alma, os valores do espírito. A Grécia, que venerava Afrodite, a deusa da luxúria, e a Apolo, é a mesma que levantava templos a Minerva e Esculápio... Havia na mesma cidade, o Ginásio e o Fórum, o campo de desporto e os torneios de oratória... Os próprios pagãos ofereceram-nos assim o exemplo de amor à Inteligência, do culto à Virtude.

Platão, quase todos os estudantes o sabem, foi digno precursor de São Tomaz de Aquino. E Sócrates, que morreu a beber cicuta, não foi menos virtuoso que S. Francisco de Sales.

O cristianismo elevou a mulher, arrancando-lhe os ferros da escravidão e os estigmas, de simples instrumentos do prazer físico do homem, para entronizá-la no coração do espôso e no respeito dos filhos. Assim tem sido através dos séculos. A humanidade tem trabalhado, quem mais, quem menos, pela evolução dos seres e das coisas. Incentivando os conhecimentos, os movimentos de cultura.

Cial Brito, em trabalho recente, disse do combate de alguns às academias, aos centros de estudos, como o nosso. Deve ser de pessoal chinfrim. Ou de mentalidade idêntica. Porque, em verdade, o que se tem feito, durante dezenove séculos, é aprimorar a inteligência do homem, dando-se os mesmos direi-

tos à mulher, elevando-a e dignificando-a. Haja vista o que elas foram em tempos remotos. Hoje, elas se chamam Tereza de Jesus ou Joana D'Arc, Madame Curie ou Virginia Vitorino. Evolução.

E' bem verdade que ainda cuidam muito de enfeitar-se, enquanto o homem braceja no tormentoso mar dos problemas econômicos, para lhes dar os elementos da beleza tirânica do corpo. Mas ainda chegará o dia em que ela também se imporá pela mesma força de inteligência e de espírito, criando-se em tudo o meio termo.

Então, o cinema, produto da ilusão, das luzes e das cores, não terá, como no lotação, o efeito de catecismo. Permanecerá no lugar que lhe cabe, como escola de arte, de mentiras ou de distração, apenas. O mundo do celuloide não será o conto de fadas, como o foi para aquelas duas almas. Teremos certamente voltado à quadra a que aludimos acima, em que os divertimentos são contrabalançados com as coisas sérias da vida. Nesse dia, a Arcádia será uma coisa. E o cinema, outra. Todos compreenderão a finalidade de cada qual. E aplaudirão a ambos.

A ARCÁDIA E SEU PRESIDENTE

Finalmente, o reinício das atividades de nossa Arcádia, em 1957, incluindo-se a reunião realizada por solicitação do prof. Leopoldo Machado, dá-nos ensejo, uma vez mais, de apreciar a personalidade do atual presidente A. Pimenta de Moraes, sucessor de Manoel Brandão.

Depois de viver inúmeros anos de clausura em seu remanso côr de rosa — na Vila Maxambomba, — a colher fecundas sementes literárias, hoje esparge, aqui e ali, o delicioso néctar da cultura, a benefício dos conterrâneos.

A Arcádia é apenas o setor onde, mais cedo ou mais tarde, teria de atuar êsse campeão da Ironia, cujo espírito — agudo e perecificante, cheio de sal e de malícia — se mostra por vêzes doce e inefável, quando acolhe os que o agradam e o encantam.

Luiz de Azeredo, João Barbosa, Newton de Barros, Z. Paula Barros e tantos outros são eloquentes testemunhas de suas maneiras e donaire, sobretudo quando recepciona. Revela-se cidadão polido e fino, como se a seu lado, sempre a espreitá-lo, permanecesse imóvel e elegante o cronista André Pierre, com seus punhos de renda e o todo de "society".

Aqui nascido, mas com o pensamento voltado para as grandes civilizações européias, aonde chegou a ir, há pouco tempo, — é em verdade um temperamento de nobre a atuar entre amigos plebeus. Como Alexandre da Macedônia, vive e peleja en-

tre seus súditos e admiradores; com êles bate-se e faz-se admirado. Mas sem nunca abandonar os ares aristocráticos adquiridos assim de berço como de filosofia...

Ama os livros. Adora Eça de Queirós, de quem guarda expressivo busto, assim como Antônio Botto, Virgínia Vitorino, Guilherme de Almeida, Manoel Bandeira, entre os poetas, cujos livros adquire e amontoa; entre os contistas modernos, Kafka e Mansfield, além de muitos outros que constituiriam imensa relação, todos alinhados em sua enorme estante, caprichosamente limpa e envernizada. Nela desfilam tôdas as criaturas servidas de inteligência e de cultura, portadoras de alguma mensagem, como êle mesmo costuma dizer. Para as quais reserva sempre uma palavra de elogio ou encantamento.

Sem embargo, detesta a mediocridade, malsina a pobreza de espírito, agindo sempre como a abelha — que guarda o ferrão para as coisas desagradáveis; ou um pouco de mel com co-nhaque para as excelentes companhias.

Enfim, mostra-se êle um intelectual exigente, acima da cerva ou do estalão comum.

Pena é que haja escolhido, para título de sua obra mais requintada, a imagem sem cabeça de Samotrácia, quando há inspirações muito mais sutis em seu próprio jardim ou à volta do casarão onde colheu muitas daquelas flores que compõem as belas páginas que escreveu e imprimiu.

Pouco importa, porém, êsse ou aquêlê título, se as obras valem pelo seu conteúdo, principalmente quando provêm de um espírito como o seu, cuja verdadeira religião é a Beleza e cujo maior vício é o culto da Inteligência e do Talento.

O atual presidente da Arcádia Iguaguana de Letras, por conseguinte, revela-se um esteta apurado, de fino gosto, amante

da cultura universal. Mas em quem existe também muito do amor à sua terra natal, cuja História cultiva com enternecido desvêlo, razão por que deve ser bastante prestigiado, sobretudo pelos seus pares, para que possa realizar o vasto programa que delineou, a serviço da instituição a que tem emprestado o melhor de seu coração, de sua atividade e de sua cultura.

A êle, de coração, agradeço o gentil e elegante prefácio do presente livro, marco da bela passagem, da viva atuação e de nosso amor ao maior Cenáculo de letras do Município de Nova Iguaçu, "Terra de Gente Ilustre".

MOVIMENTO CULTURAL DIGNO DE LOUVOR

A r a u t o

Em palestra nesta redação, onde há pouco se encontraram casualmente Francisco Manoel Brandão e Deoclécio Dias Machado Filho, disse-nos o poeta de Terra Pauxí, já de regresso de Manaus, que nos órgãos de imprensa de lá os intelectuais não têm vez... Entregues os originais de seus trabalhos na redação dos diários, ali ficam esquecidos, às vezes para sempre, no fundo das gavetas. Não há o estímulo indispensável aos que se dedicam às letras, aos que se empenham com amor e arte nos empreendimentos culturais. Mas neste jornal, em cujas colunas aquele apreciado folclorista publicou as suas primeiras letras, já demonstrando magníficos pendores literários, tal não acontece, embora dentro de suas possibilidades limitadas de semanário do interior. E foi precisamente isto o que desejou acentuar o elegante cronista de *A Sombra dos Laranjais*, pondo em relevo, no último artigo que publicou, a colaboração incondicional desta fôlha a um dos mais belos e felizes movimentos a que já assistimos em Nova Iguaçu — o que tem o objetivo de fundar, em bases consolidadas pela inteligência e cultura, uma academia ou arcádia de letras.

Uma vez lançada a idéia, conjuntamente por Deoclécio Dias Machado Filho e Raul de Figueiredo Meireles, outra não poderia ter sido a acolhida que o jornal fundado por Silvino

de Azeredo — ainda a manter em nosso dias os mesmos princípios e diretrizes com que surgira em público em 1917 — deu àquele movimento, que não tinha e não tem outro intuito senão o de concorrer, glorificando os nossos maiores vultos do passado, para o desenvolvimento literário, artístico e cultural de Nova Iguaçu, que hoje já se coloca, sem favor algum, entre os Municípios mais notáveis do Brasil. E, se tínhamos razão de sobra para recebê-lo com toda a simpatia, transmitindo-lhe o calor de nosso entusiasmo, dando-lhe força, a fim de prosseguir na trajetória iniciada para atingir tão sublimes objetivos logo se confirmou pela significativa e alentadora repercussão que ele tem alcançado em nosso meio social, não lhe negando aplausos nem apoio as pessoas de alta compreensão e, por iso mesmo, as mais conceituadas e ilustres de Nova Iguaçu.

Seria a nossa Arcádia organizada à semelhança das academias de letras, com seus patronos, sócios efetivos e correspondentes. Os primeiros, em número de vinte, deveriam ser iguaçuanos natos que, no passado, tivessem feito dignamente por onde nos legar um patrimônio, moral e cultural. Os segundos, inicialmente em número de quinze, seriam escolhidos entre iguaçuanos natos ou adaptados que apresentassem trabalhos publicados ou fossem considerados de indiscutível valor intelectual. Deveriam eles eleger, posteriormente, os cinco membros restantes, de comprovado merecimento, para que se completassem os vinte membros efetivos, os ocupantes das cadeiras com os nomes de seus respectivos patronos. E os terceiros e últimos, possivelmente uns trinta ou quarenta, teriam que ser escolhidos em diversos Municípios deste Estado, visando aproximar-se, através de maior entendimento e colaboração

entre os intelectuais, de outros centros adiantados da terra fluminense, a fim de conhecer-lhes melhor as figuras eminentes e a contribuição que elas deram para o alevantamento do nível intelectual de seus conterrâneos.

Como o indicar a grandiosidade da idéia em marcha para se tornar uma realidade, logo surgiram uns poucos que lhe menosprezaram os propósitos, que lhe atribuíram de antemão exemplos de frases tolas e sem nexo que lhe fizeram, enfim, restrições sem cabimento algum, pois a sociedade que se cogitava fundar não impedia nem impede absolutamente que outros movimentos, com programas diferentes e mais amplos, se façam com êxito em Nova Iguaçu. Ademais, a Arcádia que se idealizou, sobre ser de exaltação dos filhos ilustres de nossa terra, em virtude do muito que fizeram por sua valorização e grandeza, abre perspectivas a outras realizações culturais em Nova Iguaçu que, segundo os versos inspirados de Leopoldo Machado.

*Depois da Arcádia, espera que lhe dêm
Teatro Moderno e Biblioteca Pública,
Que são seus três mais justos ideais!*

De fato, ao concretizarmos essa idéia, teremos dado mais um passo para que Nova Iguaçu, além de centro econômico respeitável pelo trabalho de seus filhos no campo, no comércio e na indústria, seja também uma expressão de inteligência e cultura dentro do Estado do Rio.

CONCEITOS SOBRE O AUTOR

“Correio da Lavoura”, em toda a sua longa existência, tem estimulado muitos valores novos de nossa terra, cumprindo, aliás,

um dos pontos de seu programa de concorrer, sempre que a oportunidade se ofereça, para o desenvolvimento de todas as artes, para o aumento e valorização da cultura. Nunca faltamos, assim, com a consideração devida aos moços que, cheios de dúvida e incertezas, vieram bater à porta do jornal que escolheram para voar mais alto e mais longe nas asas de seus ideais. E nunca faltamos, também, a quantos se nos apresentaram com espírito de colaboração, inteligentes e entusiastas, com a palavra amiga, com o conselho para que se conduzissem com equilíbrio e bom senso, com a orientação ditada pela experiência para que não fugissem nunca do caminho do dever, antes que se dedicassem cada vez mais aos livros em busca do saber, que se portassem na sociedade de modo exemplar, como cidadãos de amanhã úteis à família e à Pátria.

* * *

Quantos trabalhos, em prosa e verso, não se encontram nas páginas de nossa fôlha, frutos da vocação, do esforço, da perseverança de muitos moços que procuravam vencer aumentando os seus conhecimentos! E quantos trabalhos aqui também não se acham de moços, dotados de inteligência fora do comum, que produziam em prosa e verso por diletantismo, dando asas às suas idéias e pensamentos românticos! Entre esses moços que foram recebidos de braços abertos em nosso convívio, encantando-nos de onde em onde com a beleza de suas almas sonhadoras, contava-se o Mac, um dos valores mais apreciáveis da mocidade iguaçuana. Acolhido com simpatia e recebendo logo o indispensável incentivo, ele passou, de tempo a tempo, a enriquecer nossas páginas com suas crônicas e versos, ora malicioso

e mordaz, focalizando esta ou aquela atitude dos homens, ora leve e elegante, comentando fatos e coisas que aconteciam nesta terra outrora de muitos laranjais floridos.

* * *

Mac escrevia crônicas e versos, lecionava em escolas particulares e trabalhava na Prefeitura do Distrito Federal, mas não abandonava os livros. Entrou para a Faculdade de Medicina e ali concluiu o curso entre os doutorandos que mais se distinguiram pelo amor aos estudos, pela prática freqüente nos hospitais. Agora é o Dr. Deoclécio Dias Machado Filho, dedicado à nobre profissão que abraçou. No entanto, o médico de hoje não esqueceu o cronista nem o poeta de ontem, tanto que acaba de realizar um dos seus maiores sonhos desde os bancos escolares: a publicação de um livro. E logo que o editor lhe entregou o trabalho pronto de ótimo aspecto gráfico, ele se apressou em trazer-nos pessoalmente um exemplar, com dedicatória mui expressiva, o que nos causou grande satisfação, não só pelo sonho que o amigo realizara, senão também porque muitas páginas desta fôlha eram ali revividas esplendidamente.

* * *

Realmente, o livro de Deoclécio Dias Machado Filho — *A Sombra dos Laranjais* — tem muito de Nova Iguaçu, pois reúne, em quase 200 páginas, crônicas e versos, retratando figuras políticas e focalizando fatos aqui ocorridos, o que faz com que todos nós sintamos a vida que passa. O autor de *A Sombra dos Laranjais* incluiu nele os seus melhores trabalhos, escritos

num estilo simples e agradável, matéria mais jornalística que literária, comentando rapidamente dezenas de acontecimentos da vida iguaçuana. Por tudo isso, merece *À Sombra dos Laranjais* a atenção de quantos vivem nesta terra, porque é trabalho produzido com arte e bom gosto por um dos seus filhos mais queridos.

Luiz de Azeredo

AGRADECIMENTO AO SR. LUIZ DE AZEREDO

A propósito do meu livro "*À Sombra dos Laranjais*", quero agradecer-te as palavras generosas, repassadas de bondade, elevação e de incentivo, publicadas no teu *hebdomadário* há tempos.

Se a obra não tivesse agradado, se tantos abraços não tivesse eu recebido, tão amigos e tão sinceros, como o último, em plena Cinelândia, quando por lá passava, — o teu artigo seria o prêmio. O prêmio das canseiras, das lutas, da labuta que tive, trabalhando com mão diurna e noturna. Seria, para mim o oásis onde me deteria, a fim de assistir ao desfilar de meus sonhos desde a puerícia, onde algumas dificuldades se me depararam. Seria, outrossim, o bálsamo suave para as feridas de todo viandante como eu; o doce refrigério, o supremo consólo para as amarguras dos que sonham com uma vida interior, tendo por fora a má vontade dos que não nos compreendem...

De tudo caro Luiz, sinto-me recompensado. Até as pedras do desgosto tu as transformaste em estrelas. Assim, eu teria de sentir-me como realmente me senti: satisfeito e ao mesmo tempo agradecido.

Pena é eu não poder colocar o livro nas mãos que desejaria.

Não por considerá-lo de vulto. Mas é que amanhã não haveria exemplares para mostrar que alguém já escreveu e se interessou por Nova Iguaçu, ainda que outro valor mais alto se alevante. Demais disso, a leitura sempre constitui exercício necessário ao espírito. Tu, que tens dela o hábito, sabes que a inteligência se esvazia quando deixamos de nutrí-la com a substância dos livros. É isso porque ninguém, a princípio, pode tirar as coisas dentro de si mesmo, como uma fonte inesgotável. Em geral, nos livros é que buscamos a essência para a nossa perfeição, a orientação para as grandes e luminosas perspectivas.

Quem não lê acaba emparedado e incomunicável. Embrutecido. Estacionado ante o progresso espiritual a que só a leitura conduz.

Duhamel, quem escreveu — é indispensável aos que desejam evoluir. E' incorporar ao espírito novas paisagens, novos domínios, coisas ignotas, principalmente quando a obra merece o consenso unânime.

* * *

"*À Sombra dos Laranjais*" possui alguns defeitos. Mas foi feito com o coração, e tem dois objetivos: recrear e instruir, dentro das possibilidades do autor. — D.

OUTROS CONCEITOS

Dante Perrone:

"Acabo de ler o seu livro e, com entusiasmo, apresso-me a felicitar o estilista que se revelou.

Um caloroso abraço de aplausos. — Em 14-4-53".

* * *

Raul de Figueiredo Meireles, Promotor de Justiça nesta Comarca:

"Sinto-me bastante sensibilizado com a dádiva, em termos generosos. Só lamento não estar ainda integralmente identificado com a tradicional sociedade local para melhor apreciar o "resumo histórico vivo" desta cidade e do seu Povo. — Em 18-4-53".

* * *

René Van Boeckel:

"O natural interesse que o seu livro me despertou, já pela grande consideração que sempre lhe dediquei em troca da maneira bondosa e distinta no tratar seus semelhantes, da simpatia irradiante que você transmite tão singularmente e, também, pela leitura das primeiras páginas de "À Sombra dos Laranjais", fez com que eu ficasse em casa ontem, domingo, o dia inteirinho, coisa que raramente acontece, para apreciar os saborosos "quitutes" do seu "magnífico banquete"!

Sim, porque nem só de pão vive o homem, e quando a leitura é boa, traz fosforescência para nossos cérebros. Confesso que, mesmo sem ter a gula de qualquer um dos discípulos de Sócrates o devorei inteirinho, e esfreguei as mãos sobre o ventre intumescido, entre satisfeito e orgulhoso, por haver encontrado "uma azeitona na minha empada"...

A simples citação feita à página 44, do seu primoroso livro, sensibilizou-se profundamente, pois, no pequeno torrão onde você nasceu, eu vivo há trinta anos, sempre presente, por mercê de Deus, em pensamento e coração.

Aceite, assim, meu contrerrâneo de alma nobre e inteligente, nesta carta à Bonaparte — garatujada e em péssima grafia — os meus calorosos aplausos à sua obra, meus parabens e o meu fraternal abraço iluminado nesta mesma Fé, e que todos os seus desejos venham a se realizar para o progresso e o futuro do nosso Município.

Seu, "ex-corde", René. — Em 4-5-53".

* * *

Do deputado estadual, Dr. José Manhães:

"Recebi o teu livro, que penhorado agradeço. Li, verificando o teu bom gosto pelas letras, bem como o humorismo e o espírito elevado que possues, não deixando, também, de focalizar teu ideal.

Um abraço do amigo".

* * *

D. Olga Flávio:

"Belas crônicas engraçadas versos. És, na verdade, um narrador enleante, parece que adestrado no jornalismo. Ninguém boceja ao ler-te, ninguém se desprende de tuas páginas, até que chegue o fim.

Só queria saber como conseguiste, cuidando de tantos assuntos, essa beleza de ritmos? Como desabrocharam entre teus dedos, essas rosas tão lindas? Como vieram êsses pássaros de sonho cantar no beiral de tua casa?

Continua, é só o que te peço e desejo. — Em 5-5-53".

* * *

"Meu caro Deoclécio:

Tenho em minhas mãos um exemplar de seu livro, cujas páginas saboreio, não raras vêzes, com lágrimas nos olhos. Afinal, também sou iguaçuana, também amo essas plagas que me serviram de berço, na minha infância longinqua, e o seu livro me traz reminiscências mui queridas.

Porém, não quero falar do livro, dizer que é bom, boníssimo, humano, sentimental...

Não!

Tudo isso o doutor já está cansado de ouvir. Quero apenas lhe dizer: — Como deve estar transbordante de prazer o coração de sua mãezinha por haver alcançado, na vida, a maior felicidade, senão a de possuir uma prole que é verdadeiramente o orgulho da sociedade iguaçuana.

Que Deus o tenha na sua graça, que lhe prodigalize a felicidade de que é merecedor.

De uma Iguaçuana".

* * *

Segundo se tem afirmado, e parece-nos com fundadas razões, a crônica é um gênero que envelhece, talvez por estar ligado ao quotidiano, ao que acontece ou ao que comumente se pensa no instante em que é escrito. Enquanto um canto ou um romance não perdem a atualidade ou não a requerem mesmo, a crônica, com raras exceções, passa de moda como passam os feitios de vestidos, com a única diferença que estes podem voltar ao primeiro plano das preferências femininas e aquela, de modo geral, só tem valor como reconstituição de um momento dado.

Entre as exceções, acreditamos justo colocar "À Sombra dos Laranjais", de Deoclécio Dias Machado Filho. Livro editado

em 1953, enfeixando crônicas em que "pouca coisa há, do tempo atual", como declara o autor "à guisa de prefácio", não perdeu, entretanto, o sabor da época onde foram elaboradas suas crônicas e outros noticiários".

Ressumbra de suas páginas tamanho amor a Nova Iguaçu que, provavelmente, será esse o segredo de sua mocidade e de sua longevidade. Mesmo quando Deoclécio se refere a Pasteur, Lin Yutang ou o valor da lágrima, sente-se que ele escreve, que faz questão de escrever à sombra de laranjais.

Fá-lo, aliás, com notável correção e utilizando sempre as palavras adequadas, sem preciosismos, o que torna sua prosa agradável, fluente e escorreita.

Não diremos, para sermos coerentes conosco mesmos que apreciamos de igual modo tôdas as páginas do livro. Algumas há de que não gostamos, ao passo que sentimos em outras o peso do tempo, inimigo de crônicas... Mas o conjunto, sem dúvida, apresenta saldo favorável, o que nos leva a vaticinar, com segurança, que Nova Iguaçu ainda ficará a dever a Deoclécio outras obras ditadas por seus pendores literários e por seu extremado amor a esta terra, onde seu cérebro ainda se povoa de sonhos — os quais muito bem poderá realizar, com as qualidades que todos lhe reconhecemos.

Cial Brito

A respeito do livro:

"SOB O CÉU DE MINHA TERRA"

Deoclécio Dias Machado Filho, um dos colaboradores mais freqüentes e apreciados da imprensa iguaçuana, estreou em

1953 com um livro de crônicas e versos — “A Sombra dos Laranjais”, que teve uma tiragem de mil exemplares saídos do prelo do editor Borsoi. Chegara, para ele, o momento de publicar um livro que, abrangendo um largo período de atividade intelectual, relembresse os sonhos dourados de sua juventude passada entre os verdes pomares, que tanto enriqueceram a nossa terra com a abundância de seus frutos saborosos. E’ que o cronista iguaçuano lêra e não podia mais se esquecer destas palavras atribuídas a Vitor Pauchet: “O homem faz sempre o que gosta, o que quer fazer ou o que é forçado a fazer”. E “A Sombra dos Laranjais” começou a circular e a receber aplausos expressivos por aí, porque chegou mesmo a enternecer muitos corações presos ainda ao passado.

* * *

Quem quer que mantivesse contacto permanente com Deoclécio Dias Machado Filho, que lhe apreciasse o espírito ansioso de alcandorar-se e lhe sentisse, então, o gosto de escrever para falar sempre carinhosamente desta terra que se notabilizou sobretudo pelos seus laranjais floridos, poderia ter dito logo que outro livro não demoraria a surgir. A idéia da fundação da Arcádia Iguaçuana de Letras — quem sabe? — talvez tenha sido parte do conteúdo precioso de algum livro em preparo no pensamento de Deoclécio Dias Machado Filho. O movimento entre os nossos intelectuais processou-se com entusiasmo, repercutiu muito bem em nosso meio social e acabou vitorioso, graças em grande parte à tenacidade do cronista de “A Sombra dos Laranjais”, a fazer mais uma vez o que gostava e o que queria. Alcançada, com a instalação da Arcádia, a vitória de seu espírito empreendedor, de seu empenho para que as novas gerações

iguaçuanas amem as letras e as artes e não se esqueçam nunca de exaltar os nossos grandes vultos do passado, eis Deoclécio Dias Machado Filho escrevendo e lançando um livro de contos, enquanto prepara um outro sobre a vida social do E. C. Iguaçu nestes últimos anos.

* * *

Nunca tinha escrito nem pensado em escrever um conto o idealizador entusiasta da Arcádia. Mas, em contacto com o arcade Altair Pimenta de Moraes, lendo-lhe as poesias e principalmente os contos modernos ainda inéditos, propôs-lhe publicarem, em sociedade, um livro de contos. E mal acabou de fazer a proposta ao poeta de fina sensibilidade de “A Vitória de Samotrácia” e ouvir d’ele a resposta favorável, Deoclécio Dias Machado Filho, levado pelo seu extraordinário temperamento que o impulsiona vigorosamente quando tem o propósito de realizar alguma coisa, levando muitas vezes, nesse impulso irresistível, os seus companheiros, escreveu seis contos em poucos dias, nas folgas pequenas que lhe deram os deveres de médico aqui na cidade e no Pronto Socorro, no Rio. Mostrou-me os originais e levou-os em seguida à editôra Companhia Brasileira de Artes Gráficas, a fim de que fôsse adiantada a obra, quanto à parte que lhe tocava.

* * *

Altair Pimenta de Moraes, embora tivesse prontos os seus trabalhos, não pôde acompanhar o colega no ímpeto que o dominou desde a idealização das histórias e do preparo dos origi-

nais até a sua composição. Está explicado, em resumo, no prefácio de "Sob o céu de minha terra", um livro elegante com sessenta e poucas páginas que acaba de sair do prelo. Deoclécio Dias Machado Filho, como se vê, é um estreante nesse gênero e, além disso, não teve quietação para escrever as historietas que se encontram nesse livro. Trazem tôdas elas, no entanto, alguma coisa de Nova Iguaçu que, na opinião do cronista, há de ser, para quantos aqui vivem, "o grande manancial, a fonte viva de tudo o que se produzir para o futuro". Além disso, os contos de Deoclécio Dias Machado Filho, escritos no seu estilo simples, devem agradar aos leitores pelo conteúdo humano que apresentam quase todos. Lendo-os, ficamos com a certeza de que o autor tem qualidades apreciáveis e pode ainda progredir muito, produzindo mais e melhor. É só continuar a fazer o que gosta e o que quer, com engenho e arte.

A r a u t o

O cap. Paulino Barbosa, tantas vezes solicitado para figurar na Arcádia, pelos seus dotes de inteligência, enviou ao autor de "Sob o céu de minha terra", a seguinte missiva:

Meu prezado Deoclécio:

Recebi com aqodamento, prevendo o prazer que sua leitura iria proporcionar-me, seu "Sob o céu de minha terra".

De fato, desde logo verifiquei que em seus contos se encontram os elementos que aprecio nesse gênero literário: leveza de estilo, suavidade, ausência de frases rebuscadas e pretenciosas e um final sempre deliciosamente imprevisto.

É sabido que há um "test" para se aferir do mérito de qualquer trabalho, a que nem todos resistem: se o leitor repete a leitura é porque o conto é bom e interessante.

E eu não resisti ao prazer de ler seus contos mais de uma vez e posso assegurar-lhe que nos momentos em que fôr assaltado pelo desejo de uma leitura agradável, procurarei novamente seu esplêndido "Sob o céu de minha terra".

Um abraço do amº. atº. e admirador, Paulino Barbosa.

INDÍCE

	Págs.
UM PÓRTICO HONROSO	11
PALAVRAS DE AGRADECIMENTO	17
A GUIA DE PROÊMIO	21
ONZE DE AGOSTO DE 1955, ONDE COMEÇA O AUTOR... E A ARCÁDIA	27

A CADEIRA N.º 2

PATRONO: JOAQUIM ELÓI DOS SANTOS ANDRADE	41
LANÇAMENTO DE UM LIVRO	81

PEQUENA HISTÓRIA DA ARCÁDIA IGUAÇUANÁ DE LETRAS ..	89
--	----

O ARTIGO DE QUE PROVEIO A ARCÁDIA	91
A PRIMEIRA REUNIÃO	97
A ARCÁDIA E AS JOVENS	99
A ARCÁDIA E O JORNAL	103
A ARCÁDIA E O DEPUTADO	107
A PREFEITURA E AS LETRAS	111
PROGRESSO E MUNICIPALIDADE	115
A PREFEITURA E A ARCÁDIA	119
O PREFEITO E O LIVRO	123

	Págs.
A VELHA E A NOVA IGUAÇU	127
O ROMANCE DAS RUAS	129
RUAS IGUAÇUANAS	133
NÃO EXISTEM ARCADES CARECAS	137
TERRA DOS LARANJAIS	141
CINEMA E ARCÁDIA	145
A ARCÁDIA E SEU PRESIDENTE	149
MOVIMENTO CULTURAL DIGNO DE LOUVOR	153

trabalho sobre a vida de Joaquim Elói de Andrade, nascido há mais de 100 anos na antiga Iguaçu e que, além de fisiologista eminente, foi também jornalista e ardoroso abolicionista republicano.

DESCENDENTES DO PATRONO

Uma calorosa salva de palmas acolheu a frase final do excelente trabalho do Sr. Deoclécio Machado que, ao lado de firme estilo pessoal, revelou também beneditina paciência de pesquisador, pois, além de dados sobre a vida e a obra do patrono da cadeira que ocupa na AIL, logrou também trazer a Nova Iguaçu alguns descendentes do grande médico, democrata e patriota que foi Elói de Andrade.

E foram dois deles, uma sua filha e o seu neto, também Joaquim Elói de Andrade, que usaram da palavra após a conclusão do discurso do árcade, para agradecer a homenagem prestada ao seu pai e avô.

A cerimônia teve um fêcho de ouro com a bela oração que o acadêmico Rodrigo Octávio Filho proferiu depois, agradecendo os tributos de distinção que a Arcádia lhe conferira.

PRESENTES

Estiveram presentes os seguintes árcades: deputado federal Getúlio Moura, Alcindo Raphael, Newton G. de Barros, Luiz Azeredo, João Barbosa Ribeiro, Zilma de Paula Barros, Raul de Figueiredo Meireles e Waldemiro de F. Pereira.

Correio de Maxambomba, de 18/5/57.